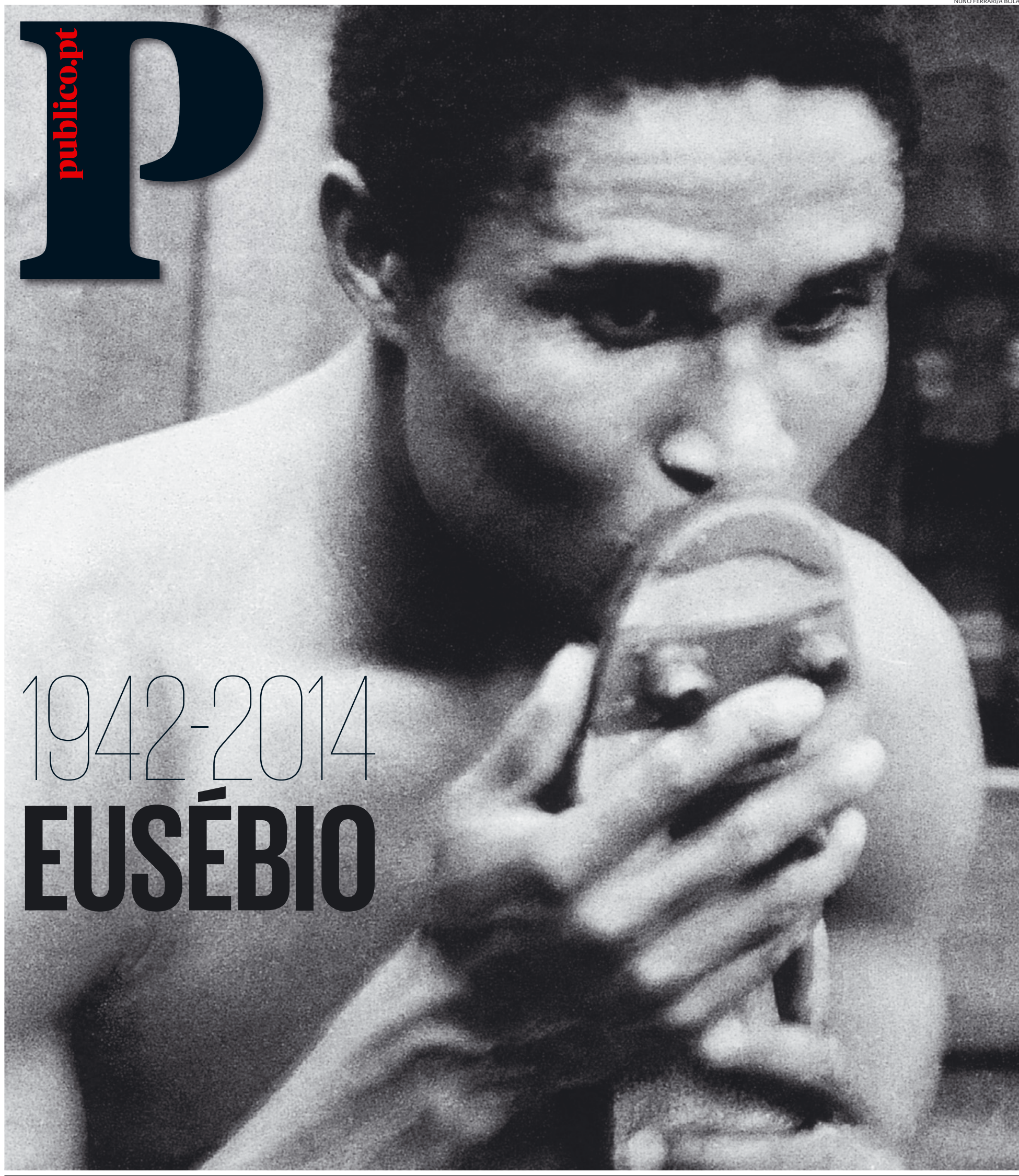


P
publico.pt

1942-2014
EUSÉBIO



publico.pt
P

1942-2014
EUSÉBIO

Destaque, 2 a 15 e Editorial

PUBLICIDADE



exlibris
O seu novo Suplemento!

**Banco de Portugal
aperta regras em
depósitos a partir
de 5000 euros**

Depósitos suspeitos a partir dos 5000 euros exigem a identificação do cliente para reforçar medidas contra branqueamento **p22**

**Eurodeputados em
Lisboa para discutir
contrapartidas
de ajuda da troika**

À chegada a Lisboa, eurodeputado socialista Liêm Hoang Ngoc, reconhece limitações da fórmula acordada **p16**

PUBLICIDADE



**CAMBRIDGE
SCHOOL**
PORTUGAL

Novos Cursos Início em Janeiro

Educação: o seu melhor investimento.

www.cambridge.pt INGLÊS | FRANCÊS | ALEMÃO | PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS

EUSÉBIO (1942-2014)

Eusébio foi um *King* para todos

O antigo jogador morreu na madrugada de ontem, vítima de uma paragem cardiorrespiratória. Tinha 71 anos e uma vida de futebolista que mereceu um elogio unânime

Paulo Curado, Marco Vaza e João Manuel Rocha

Eusébio morreu. A notícia correu veloz, logo pela manhã de ontem, deixando todos os que tomavam conhecimento dela primeiro incrédulos, depois chocados e a seguir saudosos de uma figura que marcou uma época do futebol em Portugal e na Europa. Eusébio da Silva Ferreira, antigo futebolista do Benfica e da selecção portuguesa, morreu às 4h30 de domingo, em Lisboa, na sua casa, aos 71 anos, vítima de paragem cardiorrespiratória.

Eusébio sentiu-se mal por volta das 3h30 da manhã e foi chamado o INEM, mas já foi demasiado tarde.

Nascido a 25 de Janeiro de 1942 na então Lourenço Marques, hoje Maputo, Eusébio tornou-se o maior símbolo do futebol português. Vindo de Moçambique, depois de ter jogado no Sporting de Lourenço Marques, chegou ao clube de Lisboa no Inverno de 1960.

Foi nessa década que o Pantera Negra mais brilhou nos relvados, no Benfica e ao serviço da selecção de Portugal, no Mundial de 1966, onde foi o melhor marcador.

Sete vezes melhor goleador do campeonato português (1963-64, 64-65, 65-66, 66-67, 67-68, 69-70 e 72-73), duas vezes melhor marcador europeu (1967-68 e 72-73), Eusébio foi uma vez eleito melhor futebolista europeu, mas é considerado um dos maiores futebolistas mundiais de todos os tempos.

Foi 11 vezes campeão nacional pelo Benfica – alinhando em 294 jogos, nos quais marcou 316 golos –, ganhou cinco taças de Portugal, foi campeão europeu em 1961-62 e

Funeral no Lumiar

Três dias de luto e um minuto de silêncio

O dia de hoje será marcado pelas cerimónias fúnebres e de homenagem a Eusébio. O corpo do antigo futebolista permanecerá em câmara ardente no Estádio da Luz até às 13h30. A seguir, a urna dará uma volta ao Estádio da Luz, cumprindo um desejo do próprio Eusébio. O cortejo fúnebre segue depois, em cortejo, até à Câmara Municipal de Lisboa, cumprindo um trajecto que inclui a passagem pela Segunda Circular-Campo Grande-Avenida da República-Saldanha-Av. Fontes Pereira de Melo-Marquês de Pombal-Av. da Liberdade-Restauradores-Rossio-Rua do Ouro-Rua do Arsenal-Praça do Município. Segue-se uma missa, na Igreja do Seminário, no Largo da Luz, prevista para as 16h. O funeral decorrerá no Cemitério do Lumiar, às 17h.

O Governo decretou, ainda durante o dia de ontem, três dias de luto nacional e determinou que a bandeira nacional seja colocada a meia haste, enquanto a Federação Portuguesa de Futebol estipulou que em todos os jogos de futebol sob a sua égide se cumpra um minuto de silêncio em memória de Eusébio.

finalista da Taça dos Campeões em 1962-63 e 67-68.

No total, foram 671 os golos que marcou em jogos oficiais. Cometeu a proeza de marcar 32 golos em 17 jogos consecutivos, tendo ainda conseguido marcar seis golos no mesmo jogo em três ocasiões. O guarda-redes que mais golos seus sofreu foi Américo, do FC Porto (17).

Jogou no Benfica até 1975, tendo depois actuado ainda em clubes da nos Estados Unidos, no México, no Beira-Mar e no União de Tomar – esta última uma breve experiência que durou até Março de 1978, após o que regressou aos EUA para tentar uma efémera experiência no futebol *indoor*.

Participou em 64 jogos da selecção de Portugal, pela qual se estreou em 8 de Outubro de 1961.

No Mundial de 1966, em Inglaterra, em que Portugal foi o terceiro classificado, venceu o troféu destinado ao melhor marcador da prova, com nove golos, e foi considerado o melhor jogador da competição.

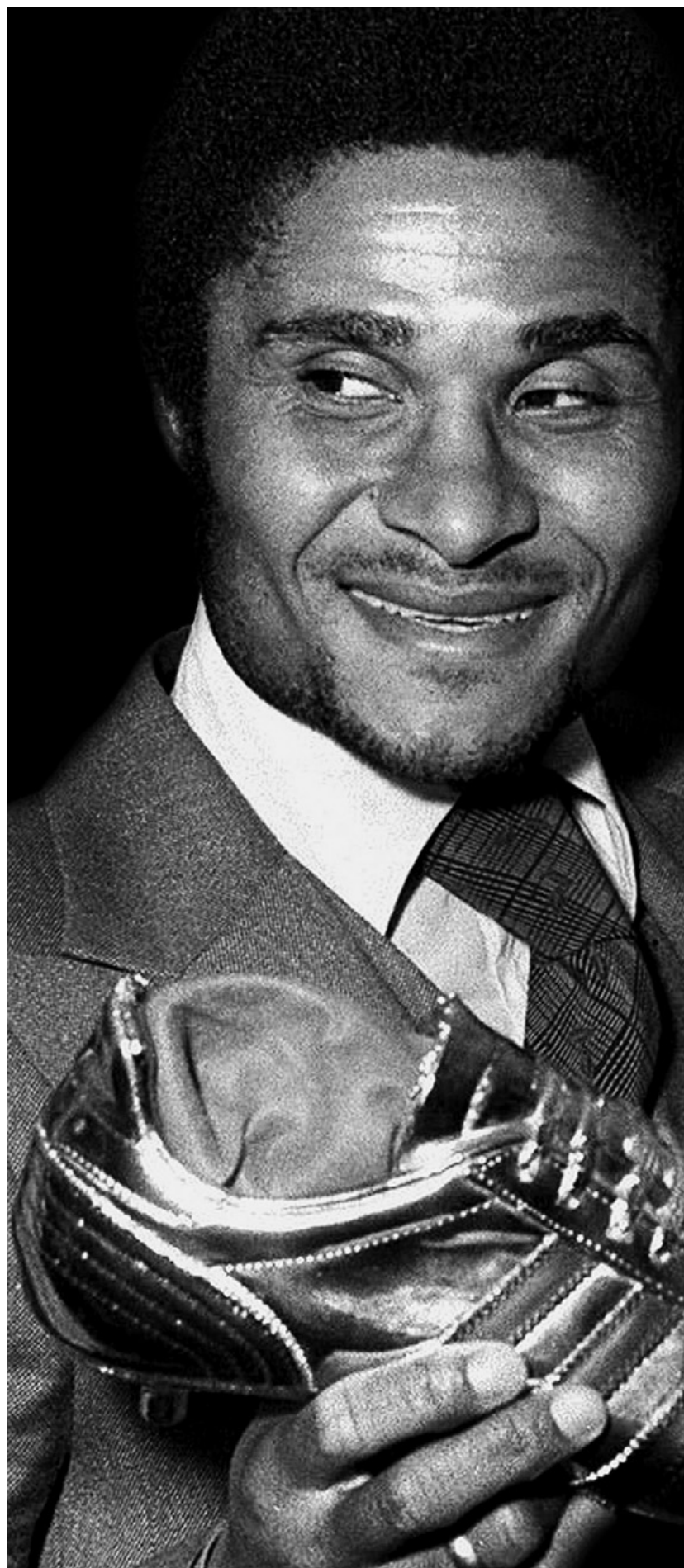
Ficou célebre a sua actuação no jogo com a Coreia do Norte, dos quartos-de-final desse mundial, em que marcou quatro golos, contribuindo decisivamente para a vitória de Portugal por 5-3, depois de ter estado a perder por 0-3. “Foi o meu dia”, recordou mais tarde, quando, no Mundial de 2010, na África do Sul, a equipa portuguesa voltou a defrontar a asiática.

Embaixador do futebol nacional e uma referência no Benfica e na selecção nacional, Eusébio mereceu diversas distinções durante a sua vida, tendo sido agraciado com a Grã-Cruz Infante D. Henrique e a Ordem de Mérito. A maior distinção, contudo, é a deferência que merece de todo um povo.

“The king!! Grande perda para todos nos! O mais grande!!”

Luís Figo

Antigo futebolista do Sporting e da selecção



É, de facto, um dia bastante triste para Portugal, a perda de um grande símbolo, não só do futebol português mas do futebol mundial

Pedro Pauleta, ex-futebolista, actual director da Federação Portuguesa de Futebol

Sempre eterno Eusébio, descansa em paz

Cristiano Ronaldo



No convívio conosco na selecção portuguesa ele tinha sempre uma palavra de incentivo e de ensinamento

Luiz Felipe Scolari, ex-seleccionador de Portugal, actual seleccionador do Brasil



“Tudo o que se disser agora sobre ele é pouco, muito pouco”

Reportagem Marisa Soares

A memória de Armando Mendinhas, 53 anos, recua facilmente à infância. Tinha seis anos naquele 23 de Julho de 1966 que haveria de ficar para a história do futebol. Estava no Clube Recreativo Brites de Almeida, em Aljubarrota, agarrado aos matraquilhos, enquanto os adultos, de olhos colados ao ecrã da televisão a preto e branco, vibravam com o jogo entre Portugal e a Coreia do Norte. “De repente, ouvi um tumulto e quando olhei para a televisão estava o Eusébio na baliza dos coreanos, a pegar na bola e correr para o meio do campo.”

A imagem nunca mais lhe saiu da cabeça. Nem essa, nem as outras que foi guardando dos jogos que viu na televisão, com Eusébio aos comandos do Benfica, ou das vezes que o cumprimentou “em momentos simples”. Porque Eusébio era assim. “Simples, quase parecia ausente. É difícil de explicar”, diz Armando, de olhos lacrimejantes. Recorda “aquela auréola de génio que ele tinha e só conseguia mostrar através dos pés”, mas custa-lhe falar. “Tudo o que se disser agora sobre ele é pouco, muito pouco.”

Como Armando, milhares de pessoas passaram neste domingo pela estátua de Eusébio junto ao Estádio da Luz, em Lisboa. Ao final da tarde, o monumento em bronze que perpetua a pose do antigo internacional português a rematar, estava vestida de várias cores. Homens e mulheres, crianças e idosos foram deixando cachecóis do Benfica, mas também cachecóis do Sporting e do FC Porto e de outros clubes, arrancando palmas à multidão, silenciosa.

Aos pés do Pantera Negra, alguém deixou a bandeira de Moçambique, país natal do antigo jogador. E muitas camisolas, pequenas estátuas da águia benfiquista, ramos de flores... Num deles, uma mensagem salta



Milhares de pessoas passaram no domingo pela estátua de Eusébio junto ao Estádio da Luz

à vista: “O Eusébio é de todos.” E na cabeça do *King*, como também lhe chamavam, os fãs colocaram uma coroa.

Passava pouco das 17h30 quando a urna com o corpo do ex-jogador passou pela multidão que o esperava, apesar do frio, ora a gritar pelo seu nome, ora a cantar os hinos nacional e do Benfica. Coberto com a bandeira do clube, o caixão entrou em braços no átrio envidraçado da entrada principal do estádio, para ser velado pela família e amigos. Entre eles, o presidente do Benfica, Luís Filipe Vieira, o vice-presidente do clube, José Eduardo Moniz, o antigo treinador do Benfica e actual seleccionador de futebol da Grécia, Fernando Santos, Toni, ex-jogador e treinador dos “encarnados”, e outros colegas de relvado como José Augusto e Veloso.

Não faltaram personalidades do mundo da música, como Rui Veloso ou Luís Represas. O primeiro-ministro, Passos Coelho, esteve acompanhado do ministro da Presidência, Luís Marques Guedes. O líder socialista, António José Seguro, também

foi apresentar as condolências à família.

Os anónimos que quiseram vê-lo mais de perto esperaram numa fila dentro do estádio, outros preferiram ficar cá fora, junto aos postes com as bandeiras a meia haste ou encostados às barras de protecção. Muitos estarão nesta segunda-feira nas bancadas da Luz para o último adeus ao *King*, às 13h30.

Filipe Ribeiro, de 27 anos, foi um dos que prometeram não arredar pé. Vestiu-se de preto e vermelho, cachecol do clube ao pescoço, mal soube da morte do ídolo. “É como se fizesse parte da família.” A notícia inesperada foi “um choque muito grande”, que lhe amargou o espírito ainda em êxtase pela vitória do Benfica no jogo de sábado à noite, frente ao Gil Vicente. “Espero que ele tenha visto o jogo.”

Em casa, Filipe tem os jogos do Pantera Negra gravados em cassetes de vídeo e DVD, aos quais vai juntar a Enciclopédia do Eusébio, acabada de comprar. Emociona-se quando fala do dia em que encontrou o antigo

jogador num restaurante em Benfica. “Pedi-lhe um autógrafa, todo a tremer, e ele convidou-me para beber um copo.”

Para este sócio do Benfica, “todas as homenagens são poucas” perante a grandeza do antigo capitão do Benfica. Mas é unânime a ideia de que o *King* foi justamente consagrado em vida. “É um homem a que todo o Portugal soube dar valor”, afirma Isabel Tavares, 54 anos, cabo-verdiana a residir em Lisboa há mais de 30 anos.

“O Benfica nunca o abandonou, nunca o deixou sair desta casa”, diz Jorge Fava, 37 anos, benfiquista que um dia teve a oportunidade de se sentar à mesa com o *King*. Também ele quis despedir-se do homem “muito bom e humilde” que o filho Simão, de oito anos, nunca há-de conhecer pessoalmente. Para a geração de Simão, o ídolo será outro: Cristiano Ronaldo, que todos os fãs ouvidos pelo PÚBLICO apontam como o sucessor de Eusébio na missão de espalhar o nome de Portugal pelo mundo.

EUSÉBIO (1942-2014)

“É uma perda para o país e para o mundo, porque o Eusébio não era só nosso, era do mundo inteiro

Rosa Mota,
campeã olímpica da maratona em 1988

Eusébio nunca será suplente na equipa dos melhores de sempre

A chegada a Portugal, a afirmação no Benfica e no futebol mundial, as peripécias de uma carreira ímpar. Um dos melhores jogadores de futebol do planeta de todos os tempos tem uma vida repleta de episódios que merecem ser lembrados

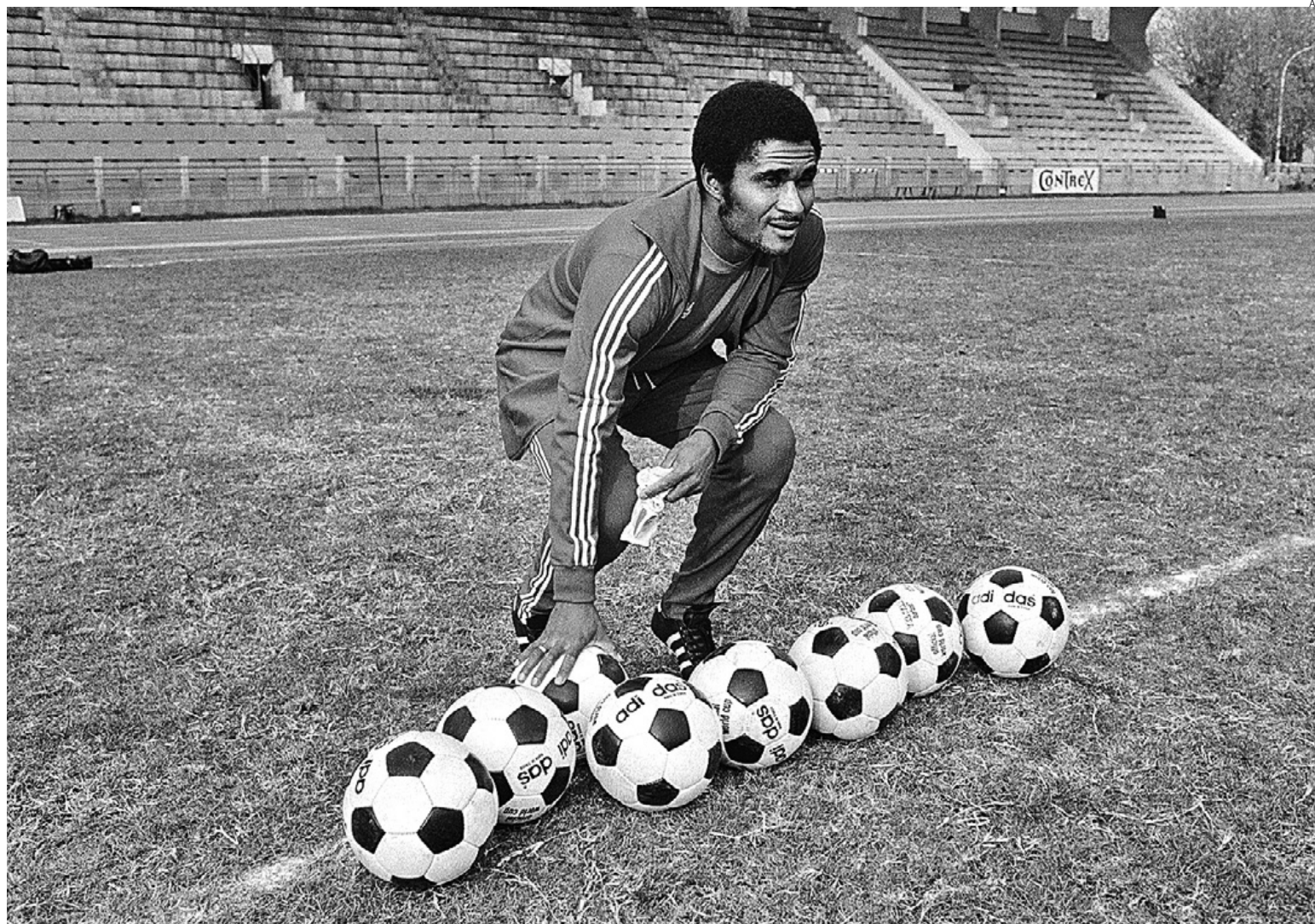
Marco Vaza

Humilde, mas sem falsas modéstias. Quando Eusébio chegou à “metrópole” e ao Benfica campeão europeu em 1961, sabia o que valia. “Não me interessa se eles são campeões europeus, vou entrar nesta equipa.” Ele era um jovem moçambicano acabado de chegar de Lourenço Marques e já metia medo aos consagrados Águas, Augusto e Coluna, os “senhores”, como os novatos da equipa lhes chamavam. “Comentávamos entre nós: quem é que vai sair? Porque o Eusébio era um jogador de excepção”, diz José Augusto. Alguém saiu e ele, Eusébio da Silva Ferreira, entrou na equipa do Benfica para se tornar uma lenda do futebol mundial. O melhor jogador português de todos os tempos que brilhou numa altura em que o futebol era diferente. Como Amália, o seu nome é sinónimo dele próprio. Não existirá mais nenhum Eusébio.

Eusébio, o *King*, Eusébio, o Pantera Negra, Eusébio, a Pérola Negra. Ele só não gostava muito que lhe chamassem Pantera Negra por causa dos Black Panthers, o partido activista negro dos EUA. Preferia que lhe chamassem *King*, o Rei. Foi em Wembley, esse mítico estádio que iria marcar sua carreira, que Eusébio passou a ser pantera. Foi na sua segunda internacionalização pela selecção portuguesa. Dos onze, apenas um jogador tinha nascido em Portugal continental (Cavém, algarvio) e um nos Açores (Mário Lino). Havia um jogador brasileiro (Lúcio), todos os outros, incluindo o seleccionador (Fernando Peyroteo), eram africanos.

O jogo era de qualificação para o Mundial e a Inglaterra acabaria por ganhar (2-0). Portugal mandou quatro bolas ao poste, duas delas foram remates de Eusébio. Foi o seleccionador inglês Walter Winterbottom que avisou o jogador que estava encarregado de o marcar: “Tem cuidado com o Pantera Negra.” Mais tarde, seria um jornalista inglês, Desmond Hackett, a cunhar esse nome no *Daily Express* após a final de Amesterdão, com o Real Madrid.

O jogo de Wembley foi a 25 de Outubro de 1961. Menos de um ano antes, em Dezembro de 1960 (15 ou 17, consoante as versões), chegava à metrópole proveniente de Lourenço Marques “o disputadíssimo Eusébio”, como escrevia o jornal *A Bola* de 17 de Dezembro. “Faço qualquer um dos postos do ataque menos o de



Eusébio, em França, no ano de 1973, quando ainda estava a jogar no Benfica

Um grande símbolo do futebol e do desporto português, mas também do futebol mundial

Paulo Bento,
ex-futebolista, actual seleccionador de Portugal

avançado centro”, contou ao jornalista de *A Bola* Cruz dos Santos, que era o único jornalista à sua espera no Aeroporto da Portela. “Chegou com um ar muito tímido. Fui com um sobretudo quentinho que tinha comprado em Edimburgo uns meses antes e o Eusébio apareceu-me com uma roupinha muito de Verão, uma gravatinha, com um ar muito modesto”, recorda o jornalista. É a sua primeira fotografia na metrópole: Eusébio de fato e gravata, com Cruz dos Santos ao lado, a tirar notas num bloco. Eusébio embarcara em Lourenço Marques com nome de mulher: Ruth Malosso.

Tinha 18 anos, fama de prodígio, pronto para conquistar o mundo. Um mundo que seria dele pouco depois. Basta dizer um número: 671, o número total de golos que marcou pelas selecções e clubes que representou em jogos oficiais. Pelo Benfica, foram 473, em 440 jogos oficiais. Mais números: sete vezes o melhor marcador do campeonato português, três vezes o melhor marcador da Taça dos Campeões. Cometeu a proeza de marcar 32 golos em 17 jogos consecutivos, tendo ainda conseguido marcar seis golos no mesmo jogo em três ocasiões. O guarda-redes que mais golos seus sofreu foi Américo, do FC Porto (17).

Dos craques do passado, talvez seja Eusébio aquele que melhor se adaptaria ao futebol de qualquer época, mesmo ao mais calculista e tático do nosso presente, menos atacante e ingénuo do que no tempo de Eusébio. O seu poder físico, potência de remate, técnica e capacidade goleadora fariam dele uma estrela em qualquer equipa de qualquer era. Apenas no final de carreira, com os joelhos em más condições (só no Joelho esquerdo sofreu seis operações) é que saiu de Portugal, onde era património de Estado. Eusébio seria um Cristiano Ronaldo apresentado no Santiago Bernabéu perante dezenas de milhares de adeptos. Eusébio esteve lá em 2009 para apresentar Ronaldo ao Real Madrid, ao lado de Alfredo di Stéfano, que sempre foi o seu grande ídolo. As palavras de Don Alfredo, o argentino feito espanhol, não podiam ser mais verdadeiras. “Isto serias tu.”

Os primeiros anos

Eusébio da Silva Ferreira nasceu a 25 de Janeiro de 1942, o quarto filho de Laurindo António da Silva Ferreira, um angolano branco que trabalhava nos caminhos-de-ferro de Moçambique, e Elisa Anissabeni, uma mulher

Lamento a morte do meu irmão Eusébio. Ficámos amigos na Copa de 66 na Inglaterra. Que Deus o receba de braços abertos

Pelé

moçambicana. Foi na Mafalala, bairro pobre na periferia de Lourenço Marques (actual Maputo), que Eusébio começou a dar uns pontapés em bolas de trapos sem ligar muito à escola. “A minha mãe não gostava nada que eu andasse enfronhado no futebol, apertava comigo, que me importasse com a escola e me deixasse dos pontapés na bola, mas eu não sei explicar, havia qualquer coisa que me puxava, sentia um frenesim no corpo que só se satisfazia com bola e mais bola. O resultado disto era uns puxões de orelhas bem grandes e, uma vez por outra, umas sovas que não eram brincadeira nenhuma”, recordava Eusébio numa entrevista ao jornal *A Bola*.

No bairro onde viveram o poeta Craveirinha e os antigos presidentes de Moçambique Joaquim Chissano e Samora Machel, Eusébio ganhava os berlindes aos amigos apostando que conseguia dar x toques seguidos numa bola. Entre os jogos de futebol na rua e a presença intermitente na sala de aula, Eusébio sofreu uma tragédia precoce. Aos oito anos, ficava órfão de pai, vítima de tétano. “Segundo a minha mãe, o meu pai era muito bom jogador de futebol”, disse numa entrevista. Ficava Dona Elisa, os quatro rapazes (Jaime, Alberto, Adelino e Eusébio) e uma rapariga (Lucília). Num segundo casamento, Elisa teria mais três filhos (Gilberto, Inocência e Fernando).

Foi na Mafalala que conheceu a sua primeira equipa, Os Brasileiros, “um clube de pés-descalços” em que os jogadores adoptavam nomes dos craques brasileiros. Eusébio era Nené, um médio da Portuguesa dos Desportos, um primo seu é que era Pelé, ano e meio mais velho do que o moçambicano. Em 1958, Eusébio tinha 16 anos e Pelé 17 quando o Brasil foi campeão mundial na Suécia, a equipa que também tinha Didi, Zagallo e Garrincha. Todos tinham as suas contrapartes no FC Os Brasileiros.

Mas onde Eusébio queria jogar era no Desportivo de Lourenço Marques, filial do Benfica, clube do qual o pai era adepto. No Desportivo não o aceitaram porque era “franzino, pequenino” - Eusébio contou que esse treinador foi, depois, despedido. Também no Ferroviário o recusaram. O mesmo erro não cometeu o Sporting de Lourenço Marques, filial moçambicana do Sporting Clube de Portugal, que ficou com ele de imediato, depois de ter ido fazer testes com um grupo de rapazes do bairro. Mas Eusébio impôs uma condição: ou ficam todos, ou não fica nenhum. Ficaram todos.

Foi um grande futebolista, uma pessoa bem formada e fiquei sempre com a ideia de que era um homem muito modesto

Mário Soares, ex-Presidente da República



Eusébio após marcar o seu primeiro golo contra a Coreia do Norte



Coluna, Costa Pereira e Eusébio com a Taça dos Campeões em 1962

O Sporting Laurentino insistia, mas Eusébio resistia, porque aquele não era o seu clube, nem o do seu pai, apesar das insistências de Hilário da Conceição, seu vizinho na Mafalala e futuro defesa esquerdo do Sporting e da selecção portuguesa - Hilário, dois anos mais velho do que Eusébio, foi o primeiro jogador negro a jogar no Sporting de Lourenço Marques e iria para Lisboa primeiro do que o Pantera Negra. Eusébio acabou por ir contrariado para os “leões” de Lourenço Marques. “Ninguém do meu bairro gostava do Sporting. Porque era um clube da elite, um clube da polícia, que não gostava de pessoas de cor”, contou mais tarde. Começou nos juniores, passou rapidamente para os seniores e estreou-se contra o “seu” Desportivo. Não queria jogar, mas jogou. Marcou três golos e chorou. Tinha 17 anos. O Sporting foi campeão regional com 30 remates certos de Eusébio, a quem o clube tinha arranjado um emprego como arquivador numa empresa que fabricava peças para automóveis.

Eusébio era um fenómeno na colónia e, na metrópole, já se ouvia falar dele. Portugal era o sonho dos jogadores nas colónias portuguesas em África e Eusébio não era excepção. E era um sonho muito possível. África era um grande fornecedor de jogadores para os clubes e selecção portuguesa. Os pretendentes eram muitos. Sporting, Benfica, Belenenses e FC Porto queriam Eusébio. Guttman já tinha ouvido falar dele, através de um brasileiro que o tinha visto jogar em Lourenço Marques. Os clubes começaram a movimentar-se, mas foi o Benfica quem chegou lá primeiro. Ofereceu 110 contos a D. Elisa, que deu a sua palavra de que o filho iria jogar no Benfica de Lisboa.

O Sporting terá oferecido mais depois, mas palavra dada era sagrada e a mãe de Eusébio não voltou atrás. Para além do mais, o Sporting queria Eusébio à experiência. “Eu já estava no Sporting e o presidente, sabendo que eu era muito amigo do Eusébio, chamou-me para lhe pedir para vir fazer testes. Ele respondeu: ‘Estás a ver o Seminário [peruano que jogou no Sporting entre 1959 e 1961, conhecido como “o expresso de Lima”]? Eu dou-lhe avanço a marcar golos. Queres experimentar o quê?’”, recorda Hilário.

Tavares de Melo, talhante e representante do Benfica em Lourenço Marques, coordenou toda a operação. Depois de garantido o acordo de Eusébio e de D. Elisa, o objectivo era colocar o jogador na capital

EUSÉBIO (1942-2014)

o mais depressa possível e sem que os adversários soubessem. Fez Eusébio embarcar com nome de mulher e terá feito chegar um telegrama ao Sporting lisboeta comunicando que o jovem jogador iria de barco para a capital. Por isso é que, quando Eusébio aterrou às 23h30 no aeroporto de Lisboa, apenas estavam lá representantes do Benfica (e o jornalista de A Bola) à espera dele. Do lado “leonino” falou-se de rapto, Eusébio sempre negou esta tese: “Eu só assinei contrato com o Benfica. Só quando aterrei aqui é que se começaram a inventar raptos. O contrato com o Benfica até dizia que, se não me adaptasse em Lisboa, o clube podia recuperar o dinheiro.”

A chegada ao Benfica

Quando Eusébio, menor de idade, chegou a Lisboa, o Benfica já estava nos quartos-de-final da Taça dos Campeões Europeus. “Não gosto de jogar a avançado centro”, foram as suas primeiras palavras, depois de uma viagem de “Portugal para Portugal”, como escrevia o jornal *A Bola* de 17 de Dezembro de 1960. Foi directo para a Calçada do Tojal, em Benfica, para viver no Lar do Jogador, onde estavam alojados os futebolistas “encarnados” que eram solteiros e que tinha hora de recolher obrigatório para os seus hóspedes. José Torres, dois anos mais velho, foi o seu anfitrião, eles que, pouco depois, fariam uma dupla temível no ataque do Benfica e da selecção nacional.

Mas Eusébio ainda não podia jogar, apesar de impressionar nos treinos. Bela Guttman, o treinador, chamou-lhe o “menino de ouro” da primeira vez que o viu. O processo de transferência de “Ruth” ainda não tinha acabado. Eusébio tinha contrato assinado com o Benfica, mas ainda não tinha a carta de desobrigação que teria de ser passada pelo Sporting de Lourenço Marques, ainda empenhado na ida do jogador para os “leões” de Lisboa. A batalha jurídica é longa. Os dois lados esgrimem argumentos e o tempo vai passando, sem que haja uma decisão definitiva. Na Taça dos Campeões, o Benfica ultrapassa o Aarhus, da Dinamarca, e o Rapid de Viena, da Áustria, e com Eusébio sempre integrado na comitiva.

A final será contra o Barcelona, em Berna, a 31 de Maio. O Benfica manda Eusébio para um hotel em Lagos, para o esconder dos jornalistas e de outros pretendentes. A 12 de Maio, cinco meses depois de sair de Moçambique, o desfecho: Eusébio já é jogador do Benfica, que paga por

ele 400 contos, mas não poderá defrontar a formação catalã devido aos regulamentos da União Europeia de Futebol (UEFA).

Ele não irá à Suíça, mas vai estar no jogo de despedida do Benfica antes da final, na Luz, frente ao Atlético, um futuro titular numa equipa quase só de reservas. A 23 de Maio, primeiro jogo pelo Benfica, primeiros golos, três, tal como a sua estreia pelo Sporting de Lourenço Marques. Minutos 11, 76 e 80, o do meio o primeiro penálti que marcou. Os benfiquistas estavam lá para ver o “disputadíssimo”. “Quando entrei e se me deparou uma multidão que gritava o meu nome, num testemunho de confiança que nunca esqueci, fiquei tonto. Ninguém imagina como estava nervoso”, contou Eusébio na sua biografia.

A equipa seguiu para Berna e conquistou o primeiro dos seus dois títulos europeus, com uma vitória por 3-2 sobre o Barcelona. Eusébio ficou em Lisboa e, no dia seguinte à final europeia, fazia a sua estreia oficial pelo Benfica, na segunda mão dos oitavos-de-final da Taça de Portugal no Campo dos Arcos, frente ao Vitória de Setúbal. Eusébio seria titular e marcaria o único golo “encarnado” nesse jogo que os sadinos venceriam por 4-1, anulando a desvantagem de 3-1. Nessa época, ainda houve tempo para se estrear no campeonato, na Luz frente ao Belenenses, ao lado dos senhores José Augusto e Coluna. Eusébio marca o segundo de uma goleada por 4-0 e ganha o direito a ser campeão.

O que Eusébio perdeu nesses primeiros meses foi largamente compensado na década e meia seguintes. Com Eusébio na equipa, o Benfica foi 11 vezes campeão em 15 anos. O moçambicano foi sete vezes o melhor marcador do campeonato português, duas vezes o melhor goleador da Europa. Conquistou mais cinco taças de Portugal e um título de campeão europeu de clubes. Ao todo, foram 17 títulos pelo Benfica: 11 campeonatos, cinco taças de Portugal e a Taça dos Campeões. Foi ainda o primeiro português a ser considerado o melhor jogador da Europa, em 1965. Depois dele, só Figo, em 2000, e Cristiano Ronaldo, em 2008.

Em 1961-62, a sua primeira época “a sério”, Eusébio ainda não está entre os cinco mais utilizados por Bela Guttman, mas já é o melhor marcador, com 29 golos em 31 jogos, mais do que o consagrado José Águas (26). O Benfica não seria campeão (terceiro lugar, atrás de Sporting e

“Foi um pedaço de um Portugal diferente, maior, sem fronteiras, multicultural. O seu trono não pode ser ocupado, porque o seu reinado não existe mais

Carlos Queiroz, ex-seleccionador de Portugal



Eusébio, em 1965, quando recebe a Bola de Ouro, troféu que distingue o melhor jogador da Europa. O internacional português recebeu ainda duas vezes a Bota de Ouro, atribuída ao melhor marcador europeu.

Eusébio e a sua mulher, Flora, à chegada ao aeroporto londrino de Heathrow, em 1971. Eusébio e Flora foram casados durante 49 anos e tiveram duas filhas.

FC Porto), mas esta seria uma época histórica, a do Benfica bicampeão europeu, na final de Amesterdão, frente ao Real Madrid. Eusébio enfrentava o seu ídolo de infância, Alfredo di Stéfano. Na primeira das quatro finais que haveria de jogar na sua carreira, Eusébio marcou dois golos (os dois últimos e decisivos) naquele triunfo emocionante por 5-3, em que o Benfica chegou a estar a perder por 2-0 e 3-2.

O jovem moçambicano de 20 anos “destruía” a lenda hispano-argentina *merengue*, 16 anos mais velha, mas manteve a deferência para com “don” Alfredo, como mantinha para com os seus companheiros de equipa mais velhos. “Tinha dito ao senhor

Tristeza, mundo do futebol perde um astro e uma pessoa excepcional! Descanse em paz

Luisão,
capitão do Benfica

Coluna para pedir ao senhor Alfredo di Stéfano para me dar a camisola. E consegui. Ele sabia lá quem era o Eusébio! Quando ganhámos, fui a correr para junto dele. Ele deu-me a camisola e ficou com a minha. Nessa altura roubaram-me o fio da minha mãe, os calções, mas consegui guardar a camisola nas cuecas. Apareço numa fotografia com uma mão à frente: estou a defender a camisola.”

O Mundial de Inglaterra

Eusébio precisou apenas de nove golos em cinco jogos pelo Benfica para se estrear na selecção portuguesa, por quem haveria de disputar 64 jogos (41 golos). O adversário era o fraco Luxemburgo e estava em causa a qualificação para o Mundial de 1962, no Chile. Peyroteo, antigo avançado do Sporting e membro dos famosos “cinco violinos”, estreava-se como seleccionador. A equipa era totalmente de Lisboa, um jogador do Belenenses, cinco do Sporting e cinco do Benfica, Eusébio era um deles.

A 8 de Outubro de 1961, um domingo, no Estádio Municipal do Luxemburgo, o herói foi outro. Adolphe Schmit, médio que nunca foi mais alto na sua carreira do que a segunda divisão francesa, marcou os três primeiros golos do jogo em 57 minutos. Portugal só reage aos 83’, com o primeiro golo de Eusébio ao serviço da selecção nacional, mas a selecção do grão-ducado repõe as diferenças no minuto seguinte. Yaúca, o único do Belenenses, fixou o resultado em 4-2. A derrota humilhante e inesperada afastou a selecção portuguesa do Mundial e o jogo seguinte, em Wembley, frente à Inglaterra (o tal em que Eusébio passou a ser o Pantera Negra), seria para cumprir calendário.

Três anos e meio depois, Portugal iniciava nova campanha para o Mundial de futebol, que seria em Inglaterra. Eusébio marcou sete golos na qualificação, um deles deu uma vitória surpreendente e dramática em Bratislava frente à poderosa Checoslováquia, vice-campeã mundial. Pela primeira vez a selecção portuguesa chegava à fase final de uma grande competição internacional. Comandados por Manuel da Luz Afonso e Otto Glória, os portugueses iam a Inglaterra com algum crédito. E com Eusébio, considerado no ano anterior como o melhor jogador europeu.

Eusébio ficou com o número 13 e a campanha com um triunfo em Old Trafford, o estádio do Manchester United, sobre a Hungria por 3-1, o único jogo do Mundial em que Eu-

sébio não marcou qualquer golo. Depois, foi a história que bem se conhece. De novo em Old Trafford, Eusébio marcou o golo do meio no triunfo sobre a Bulgária. Seguiu-se o Brasil de Pelé, no Goodison Park em Liverpool. Pelé ficou a zeros, Eusébio marcou dois e subiu ao trono de rei do Mundial. Portugal derrotava o campeão vigente e avançava para os quartos-de-final.

O jogo seria em Liverpool, o adversário seria a Coreia do Norte, uma equipa que também estava a ser uma sensação, depois de ter deixado a Itália de fora. Os “baixinhos com as caras iguais” (o mais alto tinha 1,75m), como disse um dia José Augusto, um dos membros da equipa portuguesa, começaram por surpreender os “magriços” de forma bastante afirmativa, colocando-se a vencer por 3-0. Mas Portugal tinha Eusébio, que, quase sozinho, destruiu os asiáticos, marcando quatro golos na partida dos quartos-de-final que terminaria em 5-3 para Portugal.

O golo que concretizou a reviravolta, o do 4-3, ainda hoje é mostrado nas escolas do Ajax de Amsterdão, aquela cavalgada de Eusébio desde o meio-campo até à área norte-coreana, onde só foi parado em penálti. “A bola está meio metro à frente dos meus pés. Parece que tenho cola. Eu aumento a velocidade, meto as mudanças. Dei 17, 18 toques desde que o Coluna me entrega a bola. Sofro uma pancada à entrada da área, mas continuo, porque nunca fui de me atirar para o chão. Só que, depois, chega outro que me dá uma sarrafada... Penálti!”, foi como Eusébio descreveu o lance em entrevista a *Expresso*.

Na sua primeira presença em Mundiais (seria a única até ao México 86), Portugal já estava entre as quatro melhores. Seguiu-se a anfitriã Inglaterra. O jogo era para ser em Liverpool, de novo no estádio do Everton, mas, com o acordo da Federação Portuguesa de Futebol, mudou-se para Wembley e foi a selecção portuguesa que teve de mudar de base. Segundo contou Eusébio, a federação não era obrigada a aceitar a mudança, mas deu o consentimento a troco de compensação monetária. Mais uma viagem depois do duro jogo com a Coreia e as pernas dos portugueses já não estavam tão frescas para evitar o desaire por 2-1.

“A nossa federação vendeu-se e pronto”, acusou Eusébio, que marcou, de penálti, o golo português. Sem poder discutir o título, os “magriços” ganharam o jogo de conso-

Eusébio é Portugal. Aquilo que Eusébio deixa torna-o imortal

José Mourinho,
Treinador de futebol



“Quando entrei e se me deparou uma multidão que gritava o meu nome, num testemunho de confiança que nunca esqueci, fiquei tonto. Ninguém imagina como estava nervoso”

lação para o terceiro lugar, contra a URSS, por 2-1. Um golo de Eusébio, que foi o melhor marcador do torneio, com nove golos. Duas imagens ficaram deste Mundial de 66: Eusébio a ir buscar a bola à baliza coreana, um gesto simbólico para a reviravolta que acabaria por acontecer; Eusébio a chorar após a derrota com a Inglaterra, quando já nada havia a fazer.

Património de Estado

Eusébio foi grande num tempo em que o futebol era diferente. Em que o futebol português era diferente. Em tudo. Nas rivalidades, nos hábitos, nos comportamentos. “Às segundas-feiras juntávamo-nos todos - do Sporting, do Benfica, do Belenenses -, al-

Perdeu-se o melhor jogador que vi, de todos os tempos (...) Foi o melhor do mundo”

Fernando Chalana,
antigo jogador do Benfica e da selecção



PATRICIA DE MELO MOREIRA/AFP

moçávamos frango assado no Bonjardim e depois íamos ao cinema. E andávamos sempre de metro ou de eléctrico, porque era mais barato. As pessoas paravam na rua só para nos verem juntos. Para tirar a carta tive de pedir autorização à minha mãe: ‘Mas você vai tirar a carta porquê? Não há aí machimbombo [autocarro]?’”

Cinco anos depois de chegar a Portugal, Eusébio casou-se com a sua namorada, Flora (conheceram-se dois anos antes), em 1965, no evento que a revista *Flama* (que fez capa com Flora vestida de noiva) descreveu como “O remate final é o amor”. Tiveram duas filhas, por esta ordem, Sandra e Carla, respectivamente em 1966 e 1968. Foram fazendo vida em Lisboa, apesar das muitas propostas que Eusébio ia recebendo de grandes clubes. Mas o regime não o deixava sair. Salazar considerava-o património de Estado e isso, como o próprio admitiu várias vezes mais tarde, impediu-o de ganhar muito dinheiro.

Eusébio fez o seu último jogo pelo Benfica a 29 de Março de 1975. Foi no Estádio da Luz, frente ao Oriental, vitória por 4-0, nenhum dos golos marcados por Eusébio. O último de “encarnado” marcou-o uma semana antes, no Bonfim, ao Vitória de Setúbal. Nessa época, Eusébio fez apenas 13 jogos (dois golos), entre o campeonato e a Taça das Taças, a sua pior época desde a primeira, a de 1960-61 (dois jogos), menos de um terço dos jogos oficiais do Benfica.

Já depois da revolução de 25 de Abril de 1974, o clube “encarnado” deixou-o sair e Eusébio juntou-se a uma das maiores colecções de craques da história do futebol, a North-American Soccer League (NASL), todos eles seduzidos pelos dólares norte-americanos. Pelé, Franz Beckenbauer, George Best, Johan Cruyff, Carlos Alberto, Teófilo Cubillas, Gordon Banks, Gerd Muller, Carlos Alberto, Graeme Souness. Eusébio não foi o único português nos EUA. Acompanhou-o Simões, a quem sempre chamou o seu “irmão branco”. No país onde o futebol não é “football”, mas sim “soccer”, a NASL conseguiu impor, por alguns anos, o futebol como desporto de massas, assente no princípio de que grandes estrelas dão grandes espectáculos e que grandes espectáculos (isto é especialmente verdade na América) atraem sempre muito público.

Eusébio era, de facto, uma estrela global, mas não foi desta que conseguiu jogar na mesma equipa de Pelé. Foram, novamente, adversários, como tinha acontecido em outras ocasiões. Pelé ficou no Cosmos de Nova Iorque, Eusébio foi para Boston, onde havia (e há) uma grande comunidade portuguesa. “Os grandes jogadores não podiam jogar na mesma equipa, era para ter ido para o Cosmos, mas fui para Boston. Com o mesmo contrato e a ganhar muito bem. Tinha casa, motorista. Até nos davam guarda-costas”, contou. →

EUSÉBIO (1942-2014)



A cobertura ao minuto das homenagens a Eusébio, fotogalerias e vídeos em www.publico.pt

Em 1975, nos Minutemen, onde estavam muitos portugueses para além dele (Simões, Jorge Calado, Fernando Nélson e Manaca), Eusébio fez sete jogos e marcou dois golos - o jogo de estreia foi contra o Cosmos de Pelé. Bem melhor foi o ano de 1976, ao serviço dos Toronto Metro-Croatia, em que Eusébio marcou 13 golos e conduziu a formação canadiana ao título da NASL. Na passagem pelo continente americano, Eusébio esteve ainda no Monterrey, do México, nos Las Vegas Quicksilvers e nos New Jersey Americans.

Nos intervalos da aventura americana, Eusébio regressava a Portugal, não para descansar, mas para manter a forma e ganhar mais alguns escudos. Foi assim que jogou no Beira-Mar os seus últimos minutos e marcou os seus últimos golos na primeira divisão portuguesa e foi assim que andou pela segunda divisão a fazer carrinhos pelo União de Tomar, o seu último clube em Portugal. Eram contratos de curta duração. Eusébio e Simões, os irmãos, jogaram juntos até ao fim. Eusébio ainda teve a hipótese de jogar no Sporting, por convite de João Rocha, antes de ir para Aveiro.

No Beira-Mar, Eusébio teve o seu último contacto com o principal escalão do futebol português. Não com a camisola encarnada do Benfica, mas com o equipamento amarelo e negro da equipa aveirense. Pagavam-lhe 50 contos por mês. Dois momentos são importantes nesta breve passagem por Aveiro. Quando defrontou o rival Sporting e o seu clube do coração, o Benfica. Foi contra os “leões” que marcou, a 6 de Março de 1977, o seu último golo na primeira divisão, confirmando o Sporting (a par do Belenenses) como a maior “vítima” dos seus remates certos, 24.

Dois meses antes, tinha defrontado as “camisolas berrantes”, como lhes chamava Luís Piçarra na canção que serve como hino das “águias”. Tal como acontecera 20 anos antes em Lourenço Marques, Eusébio tinha de jogar contra si próprio. A 5 de Janeiro de 1977, Eusébio-Benfica, no Estádio Mário Duarte, em Aveiro, a contar para a 12.ª jornada do campeonato. Eusébio não iria ser profissional. “Já tinha avisado o treinador do Beira-Mar, o Manuel de Oliveira, que não ia rematar à baliza. Quinze minutos antes do jogo, fui ao balneário do Benfica e avisei para que não se preocupassem, pois não ia marcar golos. [No jogo] não rematei, não marquei faltas, nem grandes penalidades. Andava lá no campo só a passar a bola aos outros.”

Com o jogo empatado 2-2, o Beira-Mar beneficia de um livre à entrada da área que seria mesmo ao jeito de Eusébio. Mas o Pantera Negra recusou-se a marcar. Palavra a António Sousa, futuro jogador do FC Porto e do Sporting e internacional português, então um jovem a dar os primeiros passos no Beira-Mar: “O sentimento dele era enorme e jogar contra a equipa do coração e da vida foi marcante para ele. Porventura o mal-estar dele em relação ao próprio jogo era porque ele gostava de ganhar. O facto de o Eusébio não marcar um livre e dizer para eu marcar é sinónimo disso.” Sousa atirou por cima e o jogo acabou empatado.

Depois do Beira-Mar e de mais uma temporada nos EUA, Eusébio foi para o União de Tomar, da segunda divisão. Estreou-se com a camisola vermelha e negra do União a 1 de Dezembro de 1977, frente ao Estoril. Em 12 jogos disputados pelo clube ribatejano, marcou três golos, mas, nesta fase, ele já não era um avançado. Andava mais pelo meio-campo, tal como António Simões. “O nosso estilo era diferente. Já não tínhamos pernas para lá ir, ficávamos mais no meio-campo. Mas o Eusébio, nos livres, era igual”, recorda Simões. Em Tomar, até carrinhos fazia.

De Tomar para Buffalo. Buffalo é relevante na vida de Eusébio? É e não é. Em toda a sua carreira é apenas uma nota de rodapé, mas é nesta cidade do estado de Nova Iorque que irá cumprir os seus últimos jogos. A camisola dos Buffalo Stallions, equi-

“Às segundas-feiras juntávamos todos — do Sporting, do Benfica, do Belenenses —, almoçávamos frango assado no Bonjardim e depois íamos ao cinema. E andávamos sempre de metro ou de eléctrico, porque era mais barato”

pa da Liga indoor norte-americana, será a sua última. Fica o registo do rendimento de Eusébio, veterano avançado de 38 anos e com os joelhos em mau estado, em 1979-80, a sua última época: cinco jogos e um golo.

Quando deixou de ser jogador, Eusébio nunca quis ser treinador principal. Foi ficando pelo Benfica, como adjunto, para ensinar uns truques a diferentes gerações de futebolistas. Por exemplo, como marcar golos estando atrás da baliza, um truque que tinha começado numa aposta com Fernando Riera. Eusébio apostou um fato com o treinador chileno em como conseguia marcar três golos em dez tentativas. O desfecho foi o mesmo das vezes em que apostava berlindes com os outros miúdos da Mafalala. Ganhou.

A lenda foi-se mantendo intacta. King em todo o mundo. Ninguém melhor para servir de embaixador do Benfica e de Portugal. Mas o homem passou um mau bocado nos últimos anos de vida, uma decadência natural da idade, mas acelerada por alguns excessos. Os seus últimos tempos foram uma constante de alertas médicos e idas para o hospital, que terminavam sempre com um sorriso e a garantia de que tudo estava bem.

Quando fez 70 anos, numa festa com centenas de convidados, Eusébio já era um homem debilitado, de poucas palavras. Mas fazia questão de acompanhar a selecção para todo o lado e estava lá, no Euro 2012, para ver a sua contraparte do século XXI, Cristiano Ronaldo, conduzir a equipa portuguesa até às meias-finais — ao contrário de Ronaldo, Eusébio nunca foi capitão, apenas desempenhou essa função episodicamente. Eusébio sentiu-se mal após o jogo com os checos e já não estava na Ucrânia quando a selecção portuguesa foi eliminada pela Espanha nas meias-finais.

Ele era o homem que todos os guarda-redes temiam, mas também era aquele que cumprimentava os guarda-redes que defendiam os seus remates. Ele era o homem que gostava de jazz e de caril de marisco, que almoçava quase diariamente no seu restaurante preferido desde que chegou a Lisboa em 1960, a Adega da Tia Matilde. Foi objecto de uma banda desenhada, de músicas com o seu nome no título e no refrão, de uma longa-metragem, de inúmeras homenagens e distinções, sempre nas listas dos melhores de sempre. Essa é uma equipa onde nunca será suplente.

CRONOLOGIA DE UMA VIDA

25 de Janeiro de 1942

Nasce, no bairro da Mafalala, em Lourenço Marques (actual Maputo), Eusébio da Silva Ferreira, filho de Laurindo António da Silva Ferreira e Elisa Anissabeni.

1958

Eusébio chega ao Sporting de Lourenço Marques. Estreou-se contra o Desportivo marcando três golos.

15 de Dez. de 1960

As versões divergem (há quem diga que foi a 17 de Dezembro), mas foi a meio de Dezembro que Eusébio aterrou em Lisboa, com destino ao Benfica.

23 de Maio de 1961

Estreia oficial de Eusébio pelo Benfica num jogo da Taça de Portugal frente ao V. Setúbal. Eusébio marca o único golo dos “encarnados”.

8 de Junho de 1961

Primeiro jogo de Eusébio pelo Benfica no campeonato nacional. Frente ao Belenenses, Eusébio marcou um dos golos no triunfo “encarnado” por 4-0, sagrando-se campeão pela primeira vez pelo Benfica. Será o primeiro de 11 títulos conquistados na Luz.

8 de Outubro de 1961

Eusébio estreia-se pela selecção portuguesa num jogo contra o Luxemburgo marcando um golo, mas Portugal perdeu por 4-2.

2 de Maio de 1962

O Benfica conquista a sua segunda Taça dos Campeões Europeus, derrotando em Amesterdão o Real Madrid por 5-3. Eusébio marcou dois golos.

25 de Maio de 1963

O Benfica é derrotado pelo AC Milan por 2-1 na final da Taça

dos Campeões Europeus em Wembley. Eusébio ainda marca o primeiro golo, mas um bis de Altafini dá o título aos italianos. Eusébio jogaria ainda em mais duas finais pelo Benfica, perdendo com o Inter de Milão em 1965 e com o Manchester United em 1968.

28 de Dez. de 1965

Eusébio recebe a Bola de Ouro, prémio atribuído ao melhor futebolista europeu do ano pela revista *France Football*.

23 de Julho de 1966

Eusébio marca quatro golos no triunfo da selecção portuguesa sobre a Coreia do Norte nos quartos-de-final do Mundial de 1966. Portugal acabaria por ficar em terceiro lugar e Eusébio foi o melhor marcador do torneio, com nove golos.

1968

Eusébio termina a época com 43 golos, sendo o melhor marcador da Europa, e torna-se no primeiro jogador a conquistar a Bota de Ouro. Repetiu o feito em 1973, com 40 golos.

13 de Outubro de 1973

Último jogo pela selecção portuguesa, frente à Bulgária, no Estádio da Luz, a contar para a fase de apuramento do Mundial de 1974. Não marcou qualquer golo e foi substituído por Jordão aos 28 minutos. Foram 64 jogos pela selecção portuguesa, com 41 golos marcados.

29 de Março de 1975

Último jogo de Eusébio com a camisola do Benfica. Foi na Luz, frente ao Oriental e ficou em branco. Seis dias antes, no Bonfim, frente ao Vitória de Setúbal, havia marcado aquele que seria o seu último golo pelos “encarnados”.

5 de Janeiro de 2014

Eusébio morre na sua casa, em Lisboa. Tinha 71 anos. **M.V.**

“ O futebol perdeu uma lenda. Mas o lugar de Eusébio entre os grandes nunca lhe será tirado

Joseph Blatter,
presidente da FIFA

No campo, Eusébio era uma verdadeira lenda. Mas também fora dele, ele era um verdadeiro embaixador do futebol português a nível internacional

Michel Platini,
presidente da UEFA

Foi uma figura que teve um prestígio internacional, quando ainda havia poucas que o tivessem

Jorge Sampaio,
ex-Presidente da República



A saúde que foi faltando a Eusébio nos seus últimos anos

Miguel Andrade

Os últimos anos de vida do ex-internacional português foram marcados por vários problemas de saúde. Eusébio sofria de aterosclerose – espessamento e perda de elasticidade da parede arterial – e tinha tendência para níveis elevados de colesterol. Apresentava ainda sintomas de hipertensão. Maleitas que obrigaram à sua hospitalização em 2007, 2011 e 2012.

Em Abril de 2007, Eusébio esteve pela primeira vez internado no Hospital da Luz, em Lisboa, onde lhe foram diagnosticadas “lesões

significativas nas artérias carótidas internas”. Por outras palavras, “lesões obstrutivas das artérias que irrigam o cérebro”, segundo explicou, na altura, o cirurgião vascular que o observou, Germano do Carmo.

Depois de alguns dias internado, o Pantera Negra foi sujeito a uma operação à artéria carótida esquerda, como prevenção de um eventual acidente vascular cerebral (AVC). Os médicos aconselharam Eusébio a alterar os hábitos de vida e Eusébio foi claro quanto às mudanças. “Quem é que não gosta de viver?”, questionou, deixando a garantia de que iria seguir as novas regras. “Vou ter de cumprir as recomendações dos médicos”, disse na altura Eusébio.

No final de Dezembro de 2011, voltaram os problemas de saúde. O ex-internacional português deu entrada nos cuidados intensivos com uma pneumonia bilateral e permaneceu no Hospital da Luz, em Lisboa, durante 13 dias, incluindo o Natal. Saiu a 31 de Dezembro, mas, a 4 de Janeiro de 2012, voltou a ser internado devido ao agravamento do seu quadro clínico. O ex-futebolista sentiu dores e problemas respiratórios. O diagnóstico apontou para um caso de cervicgia aguda, isto é, uma lesão muscular no pescoço. O caso chegou a assustar o Pantera Negra, mas as palavras tranquilizadoras do médico acalmaram-no: “Perguntei se era grave e o médico disse-me que

não, que tinha tratamento e que ia sair do hospital como novo.”

Contudo, as complicações de saúde de Eusébio continuaram. Pela terceira vez em dois meses e meio, o ex-jogador do Benfica era obrigado a voltar ao mesmo hospital, agora por causa de uma crise hipertensiva (tensão arterial elevada). Passados dois dias, Eusébio voltava a sair da unidade hospitalar. A sua pressão arterial regressara ao normal.

A 23 de Junho de 2012, o também embaixador da selecção nacional, que se encontrava com a equipa no Europeu de Futebol, na Polónia e Ucrânia, teve uma indisposição quando estava no hotel, onde a comitiva nacional estagiava, em Opale-

nica. Eusébio foi levado de urgência para o hospital de Poznan, na Polónia, mas teve de ser transportado de avião para Lisboa, regressando ao Hospital da Luz.

A indisposição sentida pelo Pantera Negra na Polónia ficou a dever-se a um AVC. Só passados 14 dias teve alta hospitalar, mas continuou a ter assistência médica no domicílio por vários dias.

Neste domingo, porém, aos 71 anos, Eusébio não resistiu a mais uma traição do seu corpo e morreu vítima de paragem cardiorrespiratória. Eusébio estava em casa, sentiu-se mal por volta das 3h30 da manhã e foi chamado o INEM, mas foi impossível mantê-lo vivo.

PUBLICIDADE

2014 vai ser um ano inesquecível

emirates.pt

Viaje pelo mundo com as nossas tarifas especiais.

Reserve até 10 de janeiro e usufrua de excelentes tarifas com taxas incluídas, para 10 destinos. Viagens de 1 de fevereiro até 30 de junho. Disponibilidade limitada, por isso reserve já.

DESTINO	CLASSE ECONÓMICA A PARTIR DE*	CLASSE EXECUTIVA A PARTIR DE*
Luanda	636€	2.520€
Hong Kong	643€	2.563€
Joanesburgo	653€	2.357€
Mumbai	662€	2.196€
Xangai	664€	2.582€
Dubai	693€	2.524€
Ho Chi Minh	716€	2.556€
Bangueroque	727€	2.517€
Male	877€	2.821€
Sydney	1.240€	4.242€

Hello Tomorrow Emirates



Junte-se ao Emirates Skywards e abra um mundo de benefícios com emirates.pt

*Tarifa de ida e volta por pessoa para partidas de Lisboa, Porto e Faro. Taxas incluídas. Vendas até 10.01.2014 e viagens de 01.02.2014 até 30.06.2014. Reserve através do seu Agente de Viagens, em emirates.pt ou contacte o Departamento de Reservas da Emirates através do número 213 665 533.

EUSÉBIO (1942-2014)

“ O futebol português está de luto, morreu um dos maiores símbolos da modalidade

Pinto da Costa
Presidente do FC Porto

”



Mítico, lendário, ícone, ídolo, craque: os elogios da imprensa internacional

Não faltam adjectivos fora de portas para qualificar o antigo futebolista do Benfica. A notícia do desaparecimento de Eusébio fez mossa um pouco pelo mundo inteiro

João Manuel Rocha

A imprensa desportiva espanhola foi a que mais relevo deu à notícia da morte de Eusébio, nas primeiras horas após a notícia da sua morte. Mas o desaparecimento do antigo futebolista português é notícia um pouco por toda a parte, sempre com adjectivos elogiosos.

O diário desportivo espanhol *Marca* publicou com grande destaque no seu site um conjunto de trabalhos sobre Eusébio, que qualifica como “mítico” e considera “um dos melhores jogadores de todos os tempos”, conhecido “pela sua velocidade, a sua técnica e o seu potente remate com o pé direito”. Recorda o trajeto do atleta desde Moçambique e as peripécias desde a sua ida para o Benfica até à retirada dos relvados, aos 36 anos.

A *Marca* republica a última entrevista que fez ao jogador, na qual se declarava “madridista” e também editou uma galeria de fotos de “Eusébio, o orgulho de Portugal”. Deu ainda voz a Di Stéfano, antiga glória do Real Madrid, que se referiu ao português como “o melhor jogador de todos os tempos”. Noutro texto recordou a forma como jogava: “O Benfica de Bella Guttmán [treinador húngaro] e do grande Eusébio.” Destacou igualmente a primeira reacção de Cristiano Ronaldo à morte.

O As, também de Madrid, deu relevo à notícia da morte do “lendário” Eusébio, divulgou vídeos de jogadas que protagonizou, dedicou uma fotogaleria ao jogador e, entre as reacções, destacou as de Cristiano Ronaldo e José Mourinho. Fez também eco da reacção do Real Madrid, que



A morte de Eusébio foi notícia um pouco por todo o mundo

o considera “um dos maiores jogadores de todos os tempos”.

As publicações desportivas de Barcelona deram também destaque ao desaparecimento do antigo futebolista. O *Mundo Deportivo* dedicou-lhe textos – “Eusébio, mais do que um monumento” escreve, num deles, o subdirector Francesc Aguilar –, uma fotogaleria e divulgou reacções à morte. O também catalão *Sport* dedicou vários textos ao “lendário futebolista português Eusébio”.

Nos jornais generalistas, o *El País* deu importância à notícia referindo-se, em título, a Eusébio como “ícone do futebol português” e divulgando reacções à morte, destacando a de Ronaldo. O também generalista *El Mundo* noticiou com relevo: “Morre Eusébio, adeus à Pantera Negra” e recorreu a uma fotogaleria.

No site da BBC, a morte de Eusébio foi um dos assuntos em destaque neste domingo. A estação recordou que é considerado “um dos maiores futebolistas de todos os tempos” e

traçou o seu percurso. Também em Inglaterra, onde Eusébio deixou marca no Mundial de 1966, ali realizado, o *Guardian* refere-se à antiga glória do Benfica como “a figura proeminente do futebol português antes de Cristiano Ronaldo”.

O desportivo francês *L'Équipe*, que o classifica como “o maior jogador português de todos os tempos”, abriu a página principal do seu site com uma fotogaleria de Eusébio, historiou o seu percurso, o palmarés e destacou as reacções do treinador José Mourinho e de Cristiano Ronaldo. Ainda que com menos relevo, a morte de Eusébio foi também notícia no site dos diários generalistas *Le Monde* ou *Libération*, que o classificam como “lenda do futebol português”. O último dos jornais considera que “o mundo está de luto”.

A imprensa generalista brasileira também deu destaque à morte do ex-jogador – “Ídolo”, no título do *Estado de São Paulo*; “craque” na expressão d’*O Globo*.

Cavaco Silva pede que se “siga o exemplo” ganhador de Eusébio

O Presidente da República, Aníbal Cavaco Silva, sublinhou ontem que a melhor forma de homenagear Eusébio “é seguir o seu exemplo”, recordando a forma como o antigo futebolista trabalhou e lutou para alcançar tantas vitórias.

“Portugal perdeu hoje um dos seus filhos mais queridos: Eusébio da Silva Ferreira”, afirmou o chefe de Estado, numa declaração no Palácio de Belém, ao final da manhã. O Presidente da República louvou o exemplo do ex-jogador enquanto desportista e ser humano, sublinhando a forma como ele trabalhou e lutou para alcançar tantas vitórias”.

Na declaração, Cavaco Silva recordou a forma como ao longo da sua vida Eusébio conquistou o carinho e a estima de todos, por ser “um desportista de excepção, dos melhores do mundo, que tantas glórias trouxe a Portugal”. Entre as várias condecorações com que foi distinguido, Eusébio foi agraciado com a Grã-Cruz Infante D. Henrique e a Ordem de Mérito.

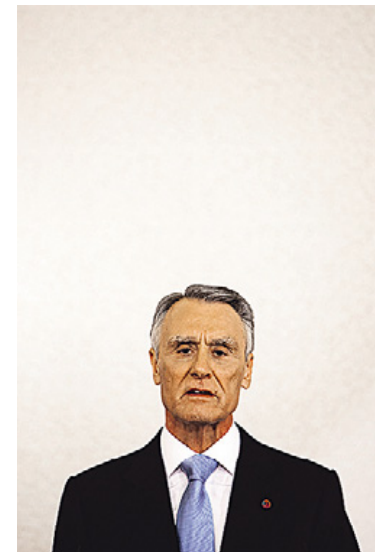
Já o primeiro-ministro marcou ontem presença no velório, no Estádio da Luz, onde, “em nome de todos os portugueses”, fez questão de homenagear o ex-desportista. “Sabemos que foi um grande futebolista, um dos melhores de sempre, mas foi sobretudo um homem que está associado à alma portuguesa”, declarou Pedro Passos Coelho à Benfica TV: “É importante para Portugal, porque foi um embaixador grande de Portugal, mas também um embaixador do futebol e do desporto mundial. Todo o mundo irá sentir esta perda. Todas as pessoas, independentemente da idade, recordarão o Eusébio como desportista e pela qualidade humana extraordinária.”

Luís Filipe Vieira expressou a sua gratidão pelo contributo que Eusébio deu ao Benfica logo de manhã, através da rede social Facebook. “Nunca estamos preparados para perder aqueles que nos são mais próximos, aqueles que, por tudo o

que fizeram, por tudo o que alcançaram, nos acostumamos a ver como imortais. Eusébio já tinha ganho em vida a sua condição de mito e por isso é que a notícia do seu desaparecimento mais choca, porque os mitos nunca deviam partir”, escreveu o presidente “encarnado”.

Mais a norte, Pinto da Costa também quis prestar a sua homenagem ao ex-jogador. “O futebol português está de luto, morreu um dos maiores símbolos da modalidade. O maior jogador português da sua geração e sobretudo um grande ser humano e um exemplo de *fair play*. Evoco aqui a sua memória e transmito as condolências à família. É um dia triste para o futebol português”, referiu o presidente portista, numa nota publicada no site oficial do clube.

Jorge Jesus lamentou igualmente o desaparecimento “físico” da antiga glória do clube da Luz, mas lembrou que Eusébio estará sempre vivo no coração dos benfiquistas. “Eusébio foi um ídolo que criou toda a grandiosidade desportiva do Benfica. Transformou vários adeptos em benfiquistas, pela sua qualidade, como jogador e como pessoa. Ele morreu fisicamente, mas nunca vai morrer no coração dos benfiquistas”, salientou o técnico, em declarações à Benfica TV.



Cavaco Silva

EUSÉBIO (1942-2014)

Ele dançava no relvado e também inspirava música

Mário Lopes

Os Sheiks celebraram-no em yé-yé, o Conjunto sem Nome cantou-o, o guitarrista Filho da Mãe imaginou-o no deserto. Eusébio musical

Como defendia o jornalista da Emissora Nacional na reportagem da recepção portuguesa aos Magriços, depois da brilhante prestação em Inglaterra, a selecção portuguesa pode não ter conseguido vencer o Mundial de Futebol de 1966, mas aquele terceiro lugar representou o mesmo que trazer para casa o título de campeão. E se alguém mereceu que assim fosse, esse alguém, numa equipa onde jogavam homens do quilate de Mário Coluna, Hilário, Torres ou José Augusto, foi obviamente Eusébio, autor de sete dos nove golos portugueses da fase de qualificação, melhor marcador do Mundial, com nove, e figura máxima do torneio.

Pouco depois de a selecção ser recebida em êxtase pelos portugueses que a haviam acompanhado pela rádio e televisão, o Pantera Negra era celebrado de uma forma moderna, moderníssima, eléctrica, bluesy, yé-yé. Os Sheiks de Carlos Mendes, Paulo de Carvalho, Edmundo Silva e Fernando Chaby, a banda pop de maior sucesso à época, os Beatles portugueses que haviam irrompido no início do ano com *Tell me bird* e *Missing you*, lançavam *Eusébio*, canção tributo à selecção e à sua maior figura.

“Foi uma proposta da [editora] Valentim de Carvalho”, recorda Carlos Mendes. “Tudo feito no estúdio, improvisado.” Guitarras e harmónica unidas em rhythm & blues de batida certa e, enquanto o ritmo comanda a acção, canta-se sobre a selecção que “abriu o livro”, fala-se de “Eusébio e companhia”, que “deram tratado e do bom” com “futebol afinadinho e no tom”. São dois minutos de canção. Uma celebração instantânea: “Como o grupo estava bastante entrosado, construíamos as letras e a música directamente no estúdio”, diz Carlos Mendes.



Sheiks e Portuguese Nuggets

Eis então Eusébio, futebolista maior, imortalizado em canção pela mais famosa banda rock portuguesa da década de 1960. Com letra a acentuar o que disse o repórter na reportagem supracitada: “Só não ficámos com a taça/ mas fica tudo contente.” Letra que diz algo mais: “Lá ninguém nos conhecia nem dava nada pela gente.” Carlos Mendes, sportinguista mas homem pouco fervoroso nas questões do futebol, recorda como, principalmente após o Mundial de 1966, Eusébio passou a ser o verdadeiro embaixador português. “Teve uma importância muito grande como fenómeno, o que deu uma divulgação muito grande do país pelo mundo. Nessa altura ia muitas vezes ao estrangeiro e sempre que se falava de Portugal tinha como resposta: ‘Portugal? Eusébio!’”

Do jogador, recorda uma história que corria os cafés e que dá conta da dimensão heróica, mítica, do jogador do Benfica. “Era uma força da natureza. Dizia-se que, quando chutava a bola, o fazia com uma força tal que ela ficava oval – apanhava-se isso nas fotografias a baixa velocidade. E estamos a falar das bolas da época, pesadíssimas, que se apanhassem com água da chuva podiam fazer desmaiar quem as cabeceasse. Não sei se era verdade, mas era isso que se contava nos cafés: ‘Imagina que ele tem

um chuto tal que a bola fica oval.”

A celebração musical de Eusébio não se ficaria pelos Sheiks. Três anos depois, o Conjunto sem Nome editaria *O Joelho do Eusébio*, marcha sambada que faz força da fraqueza do Rei, ou seja, as inúmeras lesões sofridas, fruto das marcações impiedosas num futebol mais violento: “O Joelho do Eusébio fez o mundo estremecer/ Mas o Eusébio, tem Joelho ‘inda’ para dar e vender” – e até “o menisco do Eusébio” era, na canção do Conjunto sem Nome, “o menisco da saúde”.

Mais à frente, os Salada de Frutas incluíam o King na letra do clássico de 1981 *Se cá nevasse...* (“Se o Eusébio ainda jogasse / Ai que fintas ele faria um dia”), e duas décadas depois, em 2007, quando foi editado o segundo volume da série *Portuguese Nuggets*, compilação dedicada à cena rock’n’roll portuguesa da década de 1960, não só surgia no alinhamento Eusébio, o dos Sheiks, como Eusébio, ele mesmo, figurava na capa do LP estilizado em colorido psicadélico. Não demorariamos a encontrá-lo novamente em forma de música.

Em 2011, o guitarrista Rui Carvalho, que assina como Filho da Mãe e cujo segundo álbum, *Cabeça*, foi considerado pelo Ípsilon um dos melhores álbuns de 2013, lançava o seu disco de estreia, *Palácio*. Música número 4: *Eusébio no deserto*. Título que Rui Carvalho explica rapidamente. “Quis reflectir o que o Eusébio tem do ser português.” Um português atípico, porque nasceu em Moçambique, “mas provavelmente mais português que qualquer português de que me possa lembrar”. A música reflecte precisamente isso. “Coloquei-o no deserto, um deserto que será mais próximo do imaginário cowboy. O tema é um blues acelerado, mas tem ali umas fintas pelo meio e qualquer coisa que o liga a Portugal.”

O título chegou depois da música. “Foi a forma que encontrei para a descrever. Ouvi-a e pensei: ‘Isto lembra-me Eusébio no deserto.’” Faz sentido? Claro que sim. Eusébio fica bem em todo o lado. Senão, vejamos. Em 2007 surgiu do nada uma banda galesa de vida breve. Editou nesse ano o álbum *Beth yw Hyn*. O seu nome? Eusebio (naturalmente).

“Deixou uma carreira brilhantíssima e na minha opinião foi o melhor jogador português de todos os tempos

José Augusto,

Ex-jogador, companheiro no Benfica e na selecção

Como se chega a Eusébio



Opinião

José Medeiros Ferreira

Quando me comecei a interessar por futebol, há 65 anos!, esse desporto era muito débil em Portugal. O fim da II Guerra Mundial trouxera algumas novidades, uns treinadores ingleses e austro-húngaros, e o domínio do Sporting Clube de Portugal. Mesmo os “cinco violinos” só carburavam a quatro com o Jesus Correia a dar umas “stickadas” no hóquei em patins. O hóquei da Linha do Estoril era então a segunda circular do circuito dos campeonatos, como hoje em dia o topos do Estádio da Luz e do de Alvalade. Era o tempo dos 10 a 0 e dos 9 a 1 nas balizas ou por lá perto. Só a taça latina no Jamor nos lavou algumas lágrimas.

Em 1954, o Sport Lisboa e Benfica inaugurou o seu estádio, então de Carnide, e contratou o treinador brasileiro Otto Glória, que introduziu algumas novidades na organização do futebol semiprofissional e reuniu os jogadores numa residência especialmente para forasteiros e solteiros. Mesmo assim, até 1958, o futebol praticado baseava-se apenas numa figura táctica que

ocupava melhor o terreno a meio-campo – o célebre losango! – e no brotar de alguns jogadores com talento individual e sentido colectivo como o velho Francisco Ferreira e Caiado. Depois a chegada de alguns jogadores oriundos de África: Costa Pereira, José Águas, Santana, Mário Coluna, morfológicamente muito distintos dos jogadores metropolitanos, mais habilidosos mas mais frágeis no ombro a ombro.

Eusébio chegou no melhor momento, ainda não tinha 20 anos. Dotado de uma planta de atleta, senhor de reflexos inatos e de uma velocidade de excepção, ele aproveitará tudo o que havia de melhor do ambiente da residência para jogadores, do amparo e conselho de Mário Coluna e da chegada de Bella Guttmann, outro treinador austríaco fugido à II Guerra Mundial, e de tudo isso aproveitou para a sua maturidade como desportista de eleição. Quando o vi jogar, em 1961, na Tapadinha e no Restelo, ele já era um fora-de-série, capaz de sprintar com a bola dominada e a cabeça bem erguida, capaz de fintar qualquer adversário no um para um.

A grande dúvida que se coloca para os que acreditam no ensino é a de saber se há algum método, algum treino, algum exercício repetido, algum reflexo criado, que transplante um atleta do seu meio natural e faça dele um génio.

Professor universitário



Numa exposição sobre futebol em Cannes, em 1999

É uma perda enorme. Sinto que também se foi embora um pouco de mim

António Simões
Antigo jogador do Benfica

Sem dúvida, Eusébio foi um dos melhores jogadores com os que tive o privilégio de jogar. Era um autêntico desportista

Bobby Charlton, um dos jogadores míticos do futebol inglês



Era o maior símbolo do futebol português e também do Benfica. Vamos saber perpetuar a sua memória

Shéu Han, ex-futebolista, actualmente secretário técnico do Benfica



Chegou incógnito e acabou a fazer “carrinhos” em Tomar

Marco Vaza

Tinha 18 anos quando aterrou em Lisboa, a “metrópole”, a capital do império português a 15 de Dezembro de 1960. Tinha viajado incógnito, com nome de mulher, Ruth Malosso. Vinha de Moçambique, de Lourenço Marques, um jovem “de aparência bastante robusta, com costas largas, boa altura” chamado Eusébio da Silva Ferreira. Ninguém sabia o que ia dar, ninguém sabia que aquele avançado africano iria ser um dos melhores futebolistas do planeta. O Benfica foi o seu clube de sempre, onde conquistou as maiores glórias e se tornou no “Pantera Negra”. Mas não foi o único. Andou pela América e acabou a jogar na segunda divisão portuguesa, no União de Tomar.

O União Comércio e Indústria de Tomar já tinha estado seis temporadas na primeira divisão, entre 1968 e 1976, mas naquele ano, 1977, estava no segundo escalão. Fernando Mendes, na altura o presidente do clube, queria mais sócios e mais público nos jogos e avançou para a contratação de duas estrelas do futebol português, Eusébio e António Simões. “Eles andavam a fazer uns contratos pela América e a ideia até foi do Simões”, recorda ao PÚBLICO o então presidente do clube.

Tal como Eusébio, António Simões tinha 35 anos e estava longe dos tempos de glória do Benfica, onde se conheceram e brilharam. Nesta altura, precisava de manter a forma para aspirar aos dólares que pagavam do outro lado do oceano Atlântico, na liga norte-americana. “O campeonato dos EUA era de seis, sete meses e tínhamos todo o interesse em não parar”, refere Simões, que saiu do Benfica em 1975, o mesmo ano de Eusébio.

A ideia do presidente do União de Tomar deu resultados imediatos. O clube passou a ter mais gente no estádio e nos jogos fora. Eusébio estreou-se com a camisola vermelha e negra do União de Tomar a 1 de Dezembro de 1977 frente ao Estoril, o primeiro de 12 jogos pelo clube (três golos). Eusébio já não tinha a potência de outros tempos, aquele joelho esquer-

do muito massacrado já não deixava e andava mais pelo meio-campo em vez de ser um avançado explosivo e veloz. “Até fazia carrinhos e ia pelo chão”, recorda Mário Pinto, um extremo de 18 anos em início de carreira.

Eusébio e Simões não tinham de treinar-se todos os dias no União. Um, às vezes dois treinos por semana. Recorda Mário Pinto que viu, uma vez, Eusébio a dormir durante uma palestra do treinador Vieira: “Mas o treinador dizia: ‘Ele já sabe o que vai fazer em campo’.” “Era um fascínio para os miúdos do União de Tomar conhecer o Eusébio e o Simões, quanto mais jogar com eles”, conta António Simões. “O nosso estilo já era diferente. Já não tínhamos pernas para lá ir, ficávamos mais no meio-campo. Mas o Eusébio, nos li-



Eusébio com a camisola do União de Tomar, na fase final da sua carreira, onde fez 12 jogos e marcou 3 golos

vres, era igual. Mantinha essa capacidade técnica, remates com força e direcção.”

A breve passagem por Tomar durou até Março de 1978. Depois ainda voltou aos EUA, para tentar uma experiência no futebol *indoor*, mas esta foi ainda mais efémera. António Simões também voltou ao continente americano nas mesmas condições, acabando por ficar lá mais algum tempo como treinador. Fizeram quase o mesmo percurso de vida desportiva. Começaram jovens no Benfica, estiveram ambos na selecção portuguesa que brilhou no Mundial de 1966, saíram da Luz no mesmo ano, foram atrás dos dólares americanos e terminaram ao mesmo tempo. “O nosso trajecto foi muito igual”, sintetiza Simões. “Tínhamos uma cumplicidade muito grande. A mim chama-me o irmão branco e eu chamo-lhe o meu irmão africano, que será até ao resto da minha vida. Como homem, só não cresceu de uma maneira. A sua vaidade não inchou. E ainda bem.” *Texto originalmente publicado a 15 de Dezembro de 2010*

Portugal no seu melhor



Opinião
António-Pedro Vasconcelos

“Quantas vezes Portugal chorou contigo/ por achar que merecia mais do que o destino lhe queria dar?”

José Jorge Letria

Eusébio da Silva Ferreira foi dos últimos grandes jogadores a ter o seu destino ligado a um clube – o Benfica – e a uma selecção – a nossa. O que ajudou a mantê-lo vivo no coração dos adeptos. E é justo realçar a importância que Luís Filipe Vieira deu ao valor simbólico, mas também humano, de ter Eusébio, mas também os outros heróis de Berna e de Amsterdão, como guardiões vivos dessa memória – e, no caso de Eusébio, como verdadeiro embaixador da grandeza ecuménica do clube.

Ninguém se atreverá a dizer qual foi o melhor jogador de todos os tempos. Mesmo se há muitos candidatos – e alguns vivos: Ronaldo e Messi, pelo menos –, a verdade é que Eusébio figura no panteão dos raros que merecem subir ao pódio e lá ficar para sempre, ao lado de Pelé, Di

Stefano, Puskas e Maradona.

Mas Eusébio era especial. Por ele e pelo que representou. Eusébio tinha qualidades inatas para o futebol – os outros, é certo, também –, mas tinha uma espécie de pureza que nunca perdeu: uma paixão infantil pelo jogo que faz dele um caso raro no futebol. Eusébio gostava de marcar golos e de ganhar, como se isso fosse uma obrigação que os deuses lhe exigiam em troca de o ter dotado de talentos invulgares. Só via o golo à sua frente, corria para a baliza adversária para ir buscar a bola que tinha acabado de fazer entrar, para que o jogo recomeçasse sem demoras, tinha fair play, chorava se perdia injustamente, era massacrado mas

Que ele desapareça do mundo dos vivos numa altura em que Portugal está a viver o impensável – um regresso planeado a esses tempos de miséria e de desprezo – é um sinal do destino

não respondia, nunca perdeu essa virgindade e essa vontade infantil de ganhar, que fez com que, durante uma década, o Benfica parecesse o natural vencedor dos jogos em que entrava.

Depois, ele foi, sem querer, um símbolo para os portugueses do seu tempo – e não só para os benfiquistas. Numa época em que o país estava mergulhado na miséria e na opressão, em que muitos portugueses tinham de emigrar para terras distantes, muitas vezes em condições desumanas, em que se espalharam pela Europa, mas também pelos outros continentes, em que, para muitos, ser português era sinal de opróbrio e mesmo de vergonha, Eusébio resgatou o nosso orgulho e devolveu-nos a dignidade.

Que ele desapareça do mundo dos vivos numa altura em que Portugal está a viver o impensável – um regresso planeado a esses tempos de miséria e de desprezo – é um sinal do destino. Que ele seja celebrado, agora, meio século depois, como foi nesses tempos, é um sinal de que o país se revê no que ele representa – hoje, como ontem, um Portugal capaz de se suplantar, de vencer a adversidade e a injustiça, de não se deixar sacrificar a um destino miserável, como aquele a que nos querem condenar. Até por isso, ele é Portugal no seu melhor.

Cineasta

Outra maneira de dizer alegria



Opinião
Ricardo Araújo Pereira

O Benfica veste de vermelho e branco porque essas são, segundo os seus fundadores, cores que transmitem vivacidade e alegria. Sim, o meu clube

tem a alegria nos estatutos (e isso envaidece-me). Há três ou quatro anos, em Liverpool, o estádio do Everton tinha um aspecto bastante lúgubre. As bancadas estavam cheias de adeptos tristes, vestidos de cores escuras, deprimidos pelo clima da cidade em que escolheram viver e pelo facto de, uma semana antes, terem perdido por 5 a 0 no Estádio da Luz, o que mói ainda mais do que a neblina. Antes de o jogo começar, os altifalantes do estádio anunciaram que o

grande Eusébio iria ao centro do relvado. E então, todos aqueles desgraçados ingleses se levantaram para aplaudir, sorrindo. Foi a única alegria que tiveram naquela noite, em que acabariam por perder outra vez, por 2 a 0. A camisola do Benfica foi feita para ser vestida por ele. Eusébio é outra maneira de dizer alegria. Eusébio é outra maneira de dizer Benfica. Não conheço façanhas maiores.

Humorista

EUSÉBIO (1942-2014)

Eusébio sempre



Opinião
António Bagão Félix

2 6 de Julho de 1966: Portugal perde contra a Inglaterra nas meias-finais do Mundial. Recordo a imagem do convulsivo choro de menino de Eusébio, no final do jogo. Dois dias depois, a nossa selecção vence a União Soviética e alcança o 3.º lugar. Recordo o penálti marcado por Eusébio logo seguido de um abraço ao então melhor guarda-redes do mundo, Lev Yashin. A lágrima na derrota e o abraço ao adversário na vitória unidos no jogador excepcional e no homem bom que foi Eusébio.

Nestes dois aparentes pormenores está, pois, uma parte significativa do que ele foi. Não apenas o fabuloso jogador que está entre os melhores de sempre no mundo, mas também a pessoa apaixonada por Portugal e pelo Benfica, o desportista leal, exemplar, simples, solidário, sem tiques de vedetismo, acima e para além da efemeridade de cada momento.

Inigualável não apenas nos seus quase incontáveis golos e soberbas exhibições, mas no exemplo de trabalho, de dever, de sacrifício, de abnegação, de entrega, de autenticidade, de companheirismo, até de utopia e de sonho. E que sempre soube adicionar à universalidade do consenso que foi capaz de gerar.

Num tempo em que a globalização ainda não o era, num tempo em que a informação e a imagem se espalhavam à velocidade da tartaruga quando comparada com a alucinação e a vertigem de agora, Eusébio foi uma projecção de portugalidade no mundo global, a par de Amália. Como escreveu Torga “o universal é o local sem paredes”. Eusébio ultrapassou o mapa de Portugal e

derrubou todos os muros. Os de cá e os de lá fora.

Para mim, Eusébio representa uma certa expressão do desporto que deixou de ser a norma. Onde o que contava era tão-só o futebol jogado. De paixão pura, sem adiposidades. Sem mediatismos bacocos feitos de lugares-comuns e onde a iconografia era a do exemplo no trabalho e não a da imagem no mercado. Num tempo em que as vitórias não eram apenas uma forma de aumentar a retribuição, mas uma compensação de quem sentia devotadamente a camisola que envergava.

Eusébio: um curto nome de cinco vogais e duas consoantes que se eternizou. Semanticamente poderia estar num qualquer “Dicionário de Língua Universal”, porque intemporal e universal. Ultrapassou a onomástica e a geografia. Pertence ao mundo e

tem significado próprio.

O Benfica tinha 37 anos quando Eusébio nasceu em Moçambique e 57 anos quando se estreou no clube. Não é possível calcular quantos benfiquistas (ou simples amantes do futebol) há hoje por causa dele. Mas, certamente, muitos.

A minha geração viu e viveu os jogos de Eusébio. Na altura, sem a profusão televisiva de hoje, mas com o sabor que era ir ao Estádio ou com a magia proporcionada pelo relato radiofónico. Faz, assim, parte do meu reduto memorial. Que me ensinou definitivamente que ser Benfica é, ao mesmo tempo, afecto e privilégio, coração e razão, vitamina e analgésico, fermento e adoçante.

Por tudo, um obrigado do tamanho do universo a Eusébio!

Economista



O adeus do menino que conquistou o mundo



Opinião
Ricardo Serrado

Devido à idade que tenho, é evidente que nunca vi Eusébio jogar em directo. Porém, tive o ensejo de o ver indeferidamente, ao serviço do Benfica e da selecção nacional, bem como já o analisei com alguma profundidade na minha actividade profissional através das mais variadas fontes impressas. Por isso, tive oportunidade de o ver brilhar na sua primeira época de águia ao peito, em 1961/62 e, entre outras competições, no Mundial de 1966, que o consagrou internacionalmente como um dos melhores futebolistas mundiais dessa década. Devo dizer, dirigindo-me sobretudo às gerações mais novas, que Eusébio foi um extraordinário futebolista, que jogaria em qualquer equipa mundial e em qualquer tempo. A sua capacidade de drible, a sua velocidade, a sua intuição, enfim, a articulação do seu corpo com o esférico em relação ao espaço, dotavam-no de características únicas no panorama do futebol mundial. Eusébio era uma força da natureza. Ao contrário de muitos dos jogadores de hoje, que são “fabricados” nas *canteras*, nas academias e nas escolas de futebol, de forma a atingirem um nível muscular e atlético “perfeito” que os capacitem a atingir as *performances* desejadas, Eusébio foi futebolisticamente formado nos bairros de lata de Moçambique, em terrenos baldios, jogando muitas vezes com outros objectos que improvisavam a carência de uma bola de futebol. É conveniente recordar que Eusébio chega a Lisboa a 17 Dezembro de 1960, com 18 anos, à beira de completar 19, sem a mínima noção do já exigente futebol europeu. A única coisa que possuía era uma habilidade em grande medida inata para jogar futebol.

Aquilo que Eusébio trazia para o futebol do Velho Continente era a sabedoria intuitiva do seu corpo – essa inteligência que não se mede nos QI mas na movimentação e na capacidade de improvisação do seu corpo; essa inteligência do organismo na sua totalidade, feita do pulsar, das emoções e dos sentimentos, vinda da sintonia perfeita entre as estruturas cerebrais não conscientes com o corpo na sua unicidade. Nada em Eusébio tinha sido transformado. Tudo nele era talento em estado puro. Era como se todas as suas células respirassem futebol.

Um futebolista é muito mais do que os números que atinge. Eusébio não era só um goleador como também um muniçador de golos para os seus colegas, efectuando muitas e decisivas assistências. Não era um ponta-de-lança típico (ao contrário de Águas ou Torres, por exemplo). Era um vagabundo, que jogava atrás do homem mais avançado, partindo de trás em fulgurantes arrancadas, criando desequilíbrios que não raras vezes davam em golo.

Eusébio fora o menino de Mafalala que conquistara o mundo com uma bola nos pés. O seu futebol, feito de improviso e rebeldia, de malícia e da arte do engano, pareciam falar da sua meninice em Moçambique. Nunca teve muito jeito com as palavras e não se sentia à vontade em frente às câmaras. Não precisava. Comunicava com o corpo em movimento nos estádios de futebol, através das fintas, dos golos, dos chutos fulminantes e com o sorriso genuíno que esboçava sempre que tinha uma bola nos pés. Era um futebol, simultaneamente, ingénuo porque puro e inocente, retrato figurado de Eusébio quando se apresentou em Lisboa, mas de um rendimento extraordinário, como nos mostram os números que atingiu.

A partida de Eusébio inundou de tristeza todos aqueles que gostam de futebol. Não foi só Portugal que perdeu um herói. Foi o Planeta do Futebol que ficou, indubitavelmente mais pobre.

Historiador doutorando FCSH-UNL



NUNO FERREIRA SANTOS



publico.pt

ADEUS, EUSÉBIO

Destaque, 2 a 11 e Editorial

Empresas do Estado pagam um subsídio e meio em duodécimos

Há empresas públicas que vão pagar o subsídio de férias como no privado e o de Natal como na função pública. É o caso da Casa da Moeda, CP e Refer **Economia, 25**

Pedidos 30 meses de internamento para aluno de Massamá

Julgamento do rapaz que queria imitar o massacre de Columbine começa hoje **p18**

Privados vão ajudar IEFP a colocar desempregados

Só abrange desempregados não subsidiados e, no início, Lisboa e Porto **p24**

PUBLICIDADE

CAMBRIDGE SCHOOL
PORTUGAL

Novos Cursos Início em Janeiro

Educação: o seu melhor investimento.

www.cambridge.pt

INGLÊS | FRANCÊS | ALEMÃO | PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS

Cientistas lançam em Lisboa campanha para comprar drone

Cientistas portugueses querem estudar a Antárctida e drone custa 20 mil euros **p36**

Massa de ar muito frio congelou a América do Norte

Sensação térmica chegou aos 50 graus Celsius negativos em algumas zonas **p30/31**

PUBLICIDADE



SOLUÇÕES **BUSINESS**

DEDIQUE-SE AO QUE MAIS GOSTA NO SEU NEGÓCIO

Com as Soluções Business do Banif ganha tempo para o que verdadeiramente gosta de fazer na sua empresa. Nós tratamos de tudo o resto.

Mais informações nas Agências Banif, em banif.pt ou através do 808 200 200.

BANIF
A força de acreditar

ISSN-0872-1548

EUSÉBIO (1942-2014)



Crónica de uma emoção inesperada

O funeral de Eusébio foi uma homenagem popular a um jogador a quem chamaram “rei”, no cemitério do Lumiar, mas que deixou uma enorme sensação de perda. “Ficámos tão sós sem ele”, ouviu-se dizer nas ruas de Lisboa. Todos conheciam o trajecto da cerimónia, mas ninguém esperava sentir assim essa perda

Paulo Moura

Quando o atleta entrou morto no estádio, o país percebeu que o dia ia ser extraordinário. A cerimónia estava prevista há muito, Eusébio pedira-a, mas ninguém previu a emoção que seria.

O cortejo saiu do Estádio da Luz e percorreu Lisboa. Um turista que não soubesse a notícia seria levado a pensar que um novo chefe de estado entrava na cidade, depois de uma revolução. Motos da Polícia, vários autocarros repletos de personalidades, seis furgões funerários cheios de flores, dezenas de carros oficiais e o veículo negro e baixo, aerodinâmico, futurista, transportando o féretro. A imponente caravana avançou pelo Campo Grande, atravessou o Saldanha, desceu a Avenida da Liberdade, entre uma multidão que aplaudia.

Cruzou a Baixa, parou na Praça do Município, para uma cerimónia curta com o presidente da câmara e parada policial.

Conhecendo de antemão o percurso, muitas pessoas tinham-se posicionado em locais de boa visibilidade. Para essas, não foi surpresa o funeral ter surgido na esquina. Inesperado foi o que sentiram. “Não contava que fosse assim. Nunca pensei ficar tão emocionada”, disse uma mulher tentando conter as lágrimas, Clotilde, 55 anos, empregada de balcão. “Ele é o herói do povo, um herói de todos nós”, levantou ela a voz abafada pelo rugido das dezenas de *motards* que arrancavam já atrás dos carros funerários. “Ficamos agora tão sós sem ele”, disse ainda Clotilde com a voz cheia de pânico. “Já não há ninguém assim, é uma perda tão grande”.

Rua da Prata acima, para percorrer de novo a Avenida da Liberdade, agora ainda com mais gente, mais confusão. O cortejo deixou de

“
Inspirou várias gerações em todo o mundo. Não morreu nas nossas memórias
 ”

Xanana Gusmão
 primeiro-ministro de Timor-Leste



NUNO FERREIRA SANTOS



DANIEL ROCHA

O caixão deu a volta ao relvado da Luz (em cima, à esquerda). Luzes vermelhas e bandeiras do Benfica no cemitério do Lumiar, já de noite (em cima, à direita e ao lado, à esquerda). O cortejo na Praça do Município e no Marquês de Pombal



NUNO FERREIRA SANTOS



DANIEL ROCHA



OXANA IANIN

ser oficial, juntaram-se-lhes muitos carros e motos, buzinando, quatro piscas ligados, ignorando os semáforos vermelhos, com a anuência da autoridade.

“Eusébio, Eusébio, és o nosso rei”, ouviu-se cantar à chegada à Igreja do Seminário da Luz. No interior, algumas personalidades já aguardavam. Outras chegaram depois. Presidente da República, primeiro-ministro, dirigentes desportivos de vários clubes. A cerimónia, celebrada por Vítor Melícias, decorreu à porta fechada. O povo, cada vez em maior número, ficou cá fora, contido por barreiras policiais.

“Vimos aqui por amor ao Eusébio”, disse Joaquim Matos, de 63 anos. “Pela simplicidade dele, a sua força”. Joaquim e a mulher, Lurdes Matos, também de 63 anos, vivem em Tercena, Sintra. “Mas não hesitámos nem um momento em vir aqui”, dizem. “Não podíamos faltar”. Ele, funcionário público reformado, é

alentejano, e ela é de Lardosa, Castelo Branco. Foi lá, ainda criança, que conheceu Eusébio. Não em pessoa, mas através do rádio da taberna, onde o pai ia ouvir os relatos. “O som estava muito alto, para que toda a aldeia ouvisse. Lembro-me tão bem daquele grito ‘Gooooolo de Eusébio!’ Era uma alegria”. E é em nome dessa imagem que Lurdes veio. O clamor que incendiava a imaginação num país estrangulado. “Gooooolo de Eusébio!”

Joana sente esse encantamento por telepatia. Ela, que pratica dança e estuda arte, é capaz de sentir o que não vê nem compreende completamente. “Vim dizer um último adeus ao Eusébio”, explica com a lisura dos seus 18 anos. “O meu avô pediu-me para estar aqui, em vez dele, que ficou doente”.

Joana Galante veio de Almada até aqui porque o avô chorou. Ele que via todos os jogos de Eusébio, chegou a ir a Roma assistir a um desafio do

Benfica, e agora não conseguiu estar presente. “Estou aqui pelo meu avô e pelos meus pais”, disse Joana. Tudo o que faço é por eles. Ela que queria estudar pintura, mas vai seguir design de moda, para poder trabalhar com a mãe, que é costureira. “Eu quero dar um futuro aos meus pais”, disse Joana, para quem Eusébio representa essa inversão dos valores hoje dominantes. “Era um excelente jogador, mas também um homem generoso, que fazia as coisas por amor. Hoje não vejo essa atitude nas pessoas da minha idade. Só os motiva o dinheiro e a ascensão social. Eusébio lutou pelo seu país. Que ainda por cima não era o dele...” Paulo, que estava a ouvir, defende Joana: “Ela não era nascida. Não sabe que Moçambique era uma colónia, e por isso Eusébio era português”.

Paulo Martins, 48 anos, bancário, tem uma explicação mais céptica para a nobreza de Eusébio: “Nunca o deixaram ser ambicioso. Se o Salazar

tivesse permitido que ele fosse para o estrangeiro, ele teria mudado. Hoje já não é possível haver pessoas assim”. Ao lado, João Cardoso, 38 anos, proprietário de uma pequena empresa de construção civil, repete, para que as teorias do amigo não ensombrem o momento: “Era um homem bom. Não era vaidoso, era um homem bom”. Paulo cede: “Eusébio entrou nas nossas vidas como se fosse um de nós. Há pessoas da nossa família cuja morte não se sente tanto”.

A missa terminou, e o funeral seguiu para o cemitério do Lumiar, por entre ruelas de bairros pobres. Começou a chover torrencialmente. As individualidades entraram nos veículos, mas há agora uma multidão que segue Eusébio a correr. Figuras de pijama, mulheres a cantar assomam às janelas.

A chuva fez a sua selecção natural, o cortejo é agora composto pela arria miúda. Rapazes com blusões baratos de cabedal, raparigas de saias

de ganga e leggings pretos. As claques gritam, alucinadas: “Eusébio, Eusébio, és o nosso rei!” O nome do atleta idolatrado, reduzido à sua pureza de herói, soa como o de um guerreiro no grito viril e desesperado da claque. “Eusebiuuuuu. Eusebiuuuuu. És o nosso rei!”

As pessoas enterram os pés na lama, apertam-se, tropeçam, encharcadas. Correm atrás de Eusébio como se fosse a última ilusão. O rei negro e pobre de um mundo perdido para sempre. “Ele é como nós”, diz uma mulher mais velha do que Eusébio, correndo atrás do carro funerário. “Somos todos irmãos”, repete várias vezes, para justificar ter vindo.

A multidão pisa as campas numa confusão de lama, canta o hino nacional, misturado com o hino do Benfica, palavras de ordem, palmas, enquanto o caixão desce à terra. Sabia-se que Eusébio morreria um dia, mas ninguém pensou que isso se sentiria assim.

EUSÉBIO (1942-2014)

“É a maneira do povo entrar no Panteão”

Nem todos concordam e são escassos os exemplos no mundo de desportistas admitidos nos locais de cultos aos heróis nacionais

Nuno Sá Lourenço

Poucas horas depois da notícia da sua morte, a transladação dos restos mortais de Eusébio para o Panteão Nacional já estava em andamento.

A maioria parlamentar dava o seu aval à proposta quando o futebolista não estava ainda sequer sepultado. Mas a pressa que se adivinhava no Parlamento não parece ser garantia de unanimidade fora daquele órgão de soberania.

“Ninguém devia estar no Panteão Nacional”, disparou categoricamente Maria Filomena Mónica assim que foi convidada a ponderar a possibilidade. “Aquele Panteão não celebra ninguém”, justificou a socióloga ao PÚBLICO, depois de sustentar que as escolhas anteriores resultaram de “critérios ideológicos”.

Só isso explicava, segundo Filomena Mónica, a presença de alguns nomes e a ausência de outros. “Se alguém merecia estar no Panteão, era o Eça [de Queiroz], que está numa quinta em Tormes.

Sem ser tão assertivo, o filósofo e especialista em Cultura Portuguesa, Miguel Real, não deixa de aproveitar a ocasião para avaliar o contexto que permite sequer equacionar essa transladação. “Eu recorro que já lá está a Amália [Rodrigues]”, afirma, antes de lembrar que “a segunda metade do século XX português não tem heróis”. Fruto da “Guerra do Ultramar que perdemos e do Estado Novo”. E o 25 de Abril, que trouxe consigo “a banalização dos comportamentos” e uma democracia em que os heróis que restam “são os desportistas”. “Face à ausência de heróis em Portugal, seja ao nível militar, seja ao nível social - não há um mecenas que se destaque - a Amália e o Eusébio surgem como os grandes heróis. E se o Panteão é para acolher os heróis, então eles são os nossos heróis”,

concluiu. Afinal foi esse “vazio de valores que o futebol substituiu”. “Nada a opor, portanto. É a maneira do povo entrar no Panteão”, remata Miguel Real.

Foi no dia da morte do jogador que surgiu a proposta. Um deputado do PSD, Duarte Marques, lançava a ideia através do Facebook: “Merece ser lembrado para sempre, continua a ser um símbolo de Portugal e a fazer parte do nosso património comum.” O ministro da Presidência e dos Assuntos Parlamentares, Marques Guedes, surgiu depois apoiando implicitamente a proposta com a ressalva de essa ser “uma questão da exclusiva responsabilidade da Assembleia da República”.

Na segunda-feira, o aval das lideranças parlamentares da maioria confirmava-se. “Se há algum português que deve estar, é ele”, defendeu a vice-presidente da banca parlamentar do PSD, Teresa Leal Coelho. Do lado do CDS, a mesma convicção: “Naturalmente que se justifica que seja trasladado para o Panteão Nacional”, afirmou o líder parlamentar centrista, Nuno Magalhães. E o líder parlamentar do PS, Alberto Martins, requereu o agendamento do tema para discussão em próxima conferência de líderes parlamentares.

A destoar ficou a reacção mais fria da presidente da Assembleia da República. Reconhecendo a sua posição como sendo “temerária”, Assunção Esteves lembrou que a operação envolvia “custos mesmo muito elevados, na ordem de centenas de milhares de euros”, defendendo uma “partilha de custos” ao abrigo “de uma espécie de mecenato”.

A realidade é que são poucos os exemplos de grandes desportistas elevados à condição de heróis nacionais oficiais. Até porque o Olimpo desportivo é uma criação da segunda metade do século XX e muitas das suas lendas estão ainda vivas.

O caso mais similar é o de Ferenc

Puskas, futebolista húngaro que Eusébio derrotou numa das finais da Taça dos Campeões Europeus. Em 2006, após a sua morte, o seu busto não foi para a Praça dos Heróis, mas foi sepultado na Basílica de Budapeste.

Na Abadia de Westminster, o úni-



Face à ausência de heróis, Amália e Eusébio surgem como os grandes heróis

Miguel Real
Filósofo

Ninguém devia estar no Panteão Nacional

Maria Filomena Mónica
Socióloga

É um exagero esta histeria nacional, há um claríssimo aproveitamento da classe política e o povo deixa-se embalar

João Serra
Comentário em www.publico.pt



co exemplo é de John Broughton, campeão inglês entre 1729 e 1750 e considerado o pai do boxe moderno. Partilha o espaço com a nobreza britânica, com escritores como Byron e cientistas como Darwin.

Do outro lado do Atlântico, Joe Louis é outro exemplo similar. O boxista campeão mundial de pesos-pesados está sepultado no Cemitério Nacional de Arlington, destinado a acolher os heróis militares norte-americanos, mas que também tem os restos mortais de muitos dos seus Presidentes, como John F. Kennedy. Aquando da morte de Louis, o então Presidente dos EUA, Ronald Reagan, dispensou as regras de elegibilidade e o primeiro afro-americano a tornar-se num ídolo nacional foi a sepultar em 1981, com honras militares. A concretizar-se a sua entrada, Eusébio da Silva Ferreira seria o primeiro negro no Panteão português.

A semelhança com as honras prestadas ao piloto brasileiro Ayrton Senna fica-se pelos dias de luto. O Estado brasileiro anunciou três dias que culminaram no funeral em São Paulo.

Curiosamente, três foram os dias de luto nacional pela morte de Nelson Mandela em Portugal. Em 2005, o Estado português decretou um dia de luto pela morte de Álvaro Cunhal. Em 1980 foram cinco, por ocasião da morte do então primeiro-ministro Francisco Sá Carneiro.

É à Assembleia da República que cabe a responsabilidade de votar a transladação para o Panteão “dos cidadãos portugueses que se distinguiram por serviços prestados ao país, no exercício de altos cargos públicos, altos serviços militares, na expansão da cultura portuguesa, na criação literária, científica e artística ou na defesa dos valores da civilização, em prol da dignificação da pessoa humana e da causa da liberdade”. Mas com a condição de tal acontecer apenas um ano após a morte.



NUNO FERREIRA SANTOS

Estádio da Luz fez ontem as vezes de um panteão em homenagem a Eusébio

A Luz ovacionou o “King” pela última vez

Tiago Pimentel

Velhos e novos, homens e mulheres, Eusébio uniu todos na despedida do Estádio da Luz. A chuva deu tréguas e as bancadas estiveram repletas de pessoas que fizeram questão de marcar presença na ocasião em que o “Pantera Negra” passou pela última vez pelo recinto do Benfica. Foi um final de manhã repleto de emoções à flor da pele, pontuado por algumas lágrimas e muitos aplausos.

Poucos minutos após as 11h30 já as primeiras centenas de pessoas estavam na bancada central do estádio que o Benfica abriu para quem quisesse prestar uma última homenagem a Eusébio. O cachecol do Benfica (mas também de outros clubes) e o guarda-chuva eram acessórios fundamentais e, mesmo à chuva, havia quem estivesse sentado na primeira fila, a guardar um lugar o mais próximo possível do relvado.

A enorme afluência obrigou à abertura das duas bancadas por trás das balizas. Cerca de dez mil pessoas estiveram presentes. Cantou-se por Eusébio: “Tu és o nosso rei”. O nome do “Pantera Negra” ecoou pelas bancadas que o viram jogar (não as actuais, mas as do antigo estádio) e vibraram com muitos dos seus golos. A primeira ovação aconteceu quando o caixão de Eusébio foi coberto com uma bandeira do Benfica e colocado no carro funerário. Um momento acompanhado através dos ecrãs gigantes do recinto. Novo momento de emoção quando o carro entrou no relvado: as palmas duraram até o caixão ser colocado num púlpito no centro do relvado, após o que tocou o hino do clube.

Seguiu-se a realização do seu último desejo: dar a volta completa ao relvado do Estádio da Luz. Não tanto para que os adeptos se despedissem dele, mas para ele se despedir de um local onde foi feliz, chegou a explicar em vida. Um momento sublinhado por muitos aplausos e com dezenas de cachecóis a serem arremessados para o carro funerário. “Uma parte do Benfica morreu hoje”, disse Gonçalo da Costa. “Cresci com as ima-

gens dele. Sei o que significou para o clube e para o país”, acrescentou, antes de se lamentar: “Tenho pena de não o ter visto jogar.”

A derradeira despedida de Eusébio do estádio, com a saída do carro funerário, foi um pico de emoção nas bancadas. Os aplausos soaram mais alto, as lágrimas difíceis de sustentar. Nos ecrãs passavam imagens do passado do “Pantera Negra”, os golos a preto e branco que construíram a lenda. Muita gente concentrou-se cá fora junto à estátua de Eusébio. Mas, largos minutos depois do fim da cerimónia, Maria Adelaide e Maria de Fátima continuavam sentadas na bancada, os olhos lacrimejantes. “Está a ser um dia emocionalmente muito difícil”, disse a última. “O Eusébio é uma figura do nosso tempo. Ao nos despedirmos dele lembramos da memória dos nossos familiares, que também já partiram e que começaram a trazer-nos para esta realidade do futebol”. E lembra um



Muitos milhares estiveram ontem junto ao Estádio da Luz para se despedirem de Eusébio da Silva Ferreira

episódio: “O casamento da minha irmã mais velha foi no dia do jogo com a Coreia do Norte [do Mundial 1966]. E ela, vestida de noiva, a ouvir o jogo no transístor e a correr cá para fora, para ver os golos no ecrã!”

“Não podemos reduzir o Eusébio ao futebol. Foi uma figura social e política muito importante. Um símbolo de outros tempos. Foi utilizado pelo Salazar, que nunca o deixou sair do Benfica”, diz Maria Adelaide, evocando a “lição de vida” que deixa como herança: “Tinha uma humildade que não vemos nas pessoas que estão hoje no poder. Mas ver esta gente toda unida dá-me esperança que isto mude”.

Eusébio foi uma figura maior do que o futebol. Maior do que um clube, do que um país. Ontem, na Luz, todos os que lá estavam concordariam na frase que se lia na moldura de uma fotografia colocada aos pés da estátua: “Os deuses são eternos”

De vez em quando, os céus...

Opinião
Álvaro Magalhães

De vez em quando, os céus fazem nascer um indivíduo muito diferente dos outros. Eusébio era um desses, absolutamente único, excedendo todos os anteriores parâmetros de avaliação.

O povo chama-lhes, a esses, heróis, no sentido em que fornecem a todos novos modelos exemplares; e quase todos os gestos futebolísticos de Eusébio eram novos e exemplares. Por exemplo, aquele gesto de ir buscar a bola ao fundo da baliza, depois de marcar o primeiro golo à Coreia do Norte, em 1966, repondo-a rapidamente no exacto centro do terreno, é um exemplo de insubmissão, revolta, superação, fé anímica. Nunca se tinha visto nada assim, mas agora são muitos os jogadores que o repetem, por todo o lado. O que ninguém conseguirá repetir são os gestos gerados pela sua potência e inteligência física, instintiva. A alcunha animal (pantera negra) era a imagem do seu instinto superior e letal, do modo como arranhava e feria de morte qualquer muro humano defensivo.

Fez-me chorar quando, em miúdo, o via jogar ao vivo, nas Antas, pois dizimava praticamente sozinho o meu exército afectivo, que era o F. C. Porto. Por essa altura, admirava-o e também o odiava por não ser um dos meus, mas o próprio inimigo. Porém, ele acabaria por conquistar sem reservas o meu e o coração de todos os outros adeptos dos clubes rivais, no Mundial de 1966, em Inglaterra, quando era apenas português.

Por isso, hoje só posso fazer como um certo samurai que homenageou o valoroso guerreiro rival morto pedindo-lhe que, numa próxima reencarnação, lhe desse a honra de pertencer ao seu lado. *Escritor*

EUSÉBIO (1942-2014)

Um dos que fazia o que outros não faziam

Pelo que mostrou nos relvados e pela dimensão simbólica que teve fora deles, Eusébio merece um lugar no restrito lote de “heróis intemporais” do futebol

Tiago Pimentel

Jamais haverá um veredicto definitivo sobre quem são os melhores futebolistas da história. O lote de nomes brilhantes, susceptíveis de serem atirados para a discussão, está na ordem das dezenas. Mas o grupo daqueles cujos golpes de gênio sublimaram o futebol é restrito. E são menos ainda os que também se destacaram fora dos relvados, pela personalidade e dimensão simbólica que adquiriram. Eusébio, um dos três portugueses a ter sido distinguido com o prémio para o melhor futebolista do ano, deve ser considerado membro de pleno direito desse Olimpo a que muitos aspiram, mas onde poucos entram.

Os méritos futebolísticos do “Pantera Negra” são sobejamente conhecidos, assim como o impacto que teve ao serviço do Benfica e da selecção portuguesa. Os remates imparáveis, as centenas de golos, o título europeu conquistado ao serviço dos “encarnados” e aquela exibição memorável com a camisola da selecção, frente à Coreia do Norte, no Mundial 1966. Mas, para além disso, Eusébio foi mais do que um jogador de futebol. Foi um símbolo de esperança para um povo que vivia com aspirações limitadas. “Foi Eusébio que conseguiu furar uma existência cinzenta que Portugal tinha e devolvê-lo ao mundo”, notou Luís Freitas Lobo, em conversa com o PÚBLICO. “Antes de Eusébio, Portugal não existia futebolisticamente. O futebol português no mundo foi

inventado por Eusébio. E temos de agradecer a Moçambique por nos ter dado Eusébio”, acrescentou o analista de futebol.

Da mesma maneira, o ex-seleccionador nacional António Oliveira guarda uma “enorme admiração” da convivência que teve com o “Pantera Negra”. “Era uma pessoa transversal, notável na forma como se superava, correctíssimo. Sempre a funcionar em prol dos outros. Se houvesse lugar a um Nobel do desporto, Eusébio teria de recebê-lo”, disse o técnico.

Aritmética pode enganar

Por isso, Oliveira não tem dúvidas em incluir o *King* num restritíssimo panteão pessoal: “Heróis intemporais, para mim, são Pelé, Eusébio e Maradona. São os três que conheci e que vi jogar. Foram os jogadores a quem vi fazer coisas que não via outros jogadores fazerem”, venceu o ex-seleccionador. “Depois há Cruyff, Platini, Zidane, Figo, Cristiano Ronaldo... Di Stéfano terá sido um fabuloso jogador, mas na altura a televisão ainda não era tão comum. Mas aqueles três eram mesmo melhores do que os outros”, frisou Oliveira, lembrando que Pelé e Eusébio eram da mesma geração, enquanto Maradona nasceu com duas décadas de diferença em relação ao “astro” brasileiro.

“Ronaldo ‘Fenómeno’ foi um grande marcador. Mas conseguiu comparar-se à universalidade de Pelé? Não. É, por acaso, comparável ao ícone do grande Pelé? Não é. A mesma coisa com Eusébio. Nem Fernando Gomes, que foi bi-bota de ouro, nem Cristiano Ronaldo al-





Pelé ao lado de Eusébio num jogo particular entre o Brasil e Portugal, a 10 de Setembro de 2013

Ferenc Puskás, em Março de 2002

Zidane (à direita), na Juventus, em Abril de 1997

uma vez atingirão o estatuto, este mito, que Eusébio atingiu. Mas não só como jogador. A humildade e carácter dele são uma grande lição”, sublinhou António Oliveira.

Em termos puramente aritméticos, Cristiano Ronaldo pode comparar-se a Eusébio. O primeiro já superou o segundo em número de jogos e golos pela selecção nacional. Já jogou duas fases finais de Campeonatos do Mundo e prepara-se para disputar uma terceira dentro de meses, no Brasil, enquanto o “Pantera Negra” teve uma única experiência no maior palco internacional, em 1966. Cristiano Ronaldo foi jogar para o estrangeiro ainda antes dos 20 anos, enquanto Eusébio passou o grosso da carreira ao serviço do Benfica. Mas esta é uma comparação injusta, porque enfrenta futebolistas de épocas radicalmente distintas.

Lote de notáveis

Daí que uma apreciação deste género deva deixar de fora os futebolistas contemporâneos – porque ainda estão em actividade e o respectivo percurso não pode ser apreciado na globalidade. Da mesma maneira, para perceber quem seria a companhia de Eusébio no lote dos melhores de sempre, tem de se comparar o que é comparável. Que são homens de ataque, precisamente aqueles que normalmente brilham mais alto – basta olhar para a lista dos galardoados com a Bola de Ouro ao longo dos anos. E, em termos de currículo, Eusébio perde para poucos: não foi campeão do mundo, como também não o foram Cruyff, Puskas e Di Stéfano. O norte-irlandês George Best nunca disputou sequer a fase final de um Mundial.

“Há sempre uma dúvida que se coloca: o que seriam os jogadores de antigamente nos nossos tempos? Acho que seriam muito melhores. Teriam ao dispor condições que não tinham na altura. A medicina desportiva, sobretudo, evoluiu muito. Todos sofreram lesões graves e ficaram muito tempo sem jogar. Terem sido o que foram nas condições em que o foram é brutal”, disse Freitas Lobo. O analista de futebol coincide com António Oliveira ao eleger Eusébio, Pelé e Maradona para o panteão pessoal, mas também tem lugar para Cruyff e Di Stéfano. “É evidente que existiram outros, como Puskas, George Best, Bobby Charlton, Garrincha... Mas aqueles cinco são os que realmente se distinguem dos demais.”

E distinguiram-se pelos mais va-



“Eusébio, no seu tempo e com o grande Benfica, era com o Pelé um dos grandes jogadores do mundo”

Giovanni Trapattoni
Treinador de futebol



ELOGIO DE UMA IMAGEM

O Eusébio tinha feito mais um *hat-trick* e comia agora merecidamente os seus tremoços no meio da esplanada, no meio da primavera, no meio dos anos sessenta.

Essa imagem do Eusébio, novo, no sol da esplanada foi ficando comigo ao longo dos anos como um iluminado padrão de sossego e juventude.

Não sei bem por onde andaré agora essa memória mas tenho pena de nunca lhe ter dado um pouco mais de espaço para se poder explanar.

Daniel Maia-Pinto Rodrigues
PÚBLICO, 7 de Janeiro de 2012

Poeta e ficcionista, Daniel Maia-Pinto Rodrigues nasceu no Porto em 1960. Autor de cerca de uma dezena de livros de poesia e do romance *O Corredor Interior*, o essencial da sua obra poética está reunida na compilação Dióspiro (Quasi, 2007)

riados motivos, concede Freitas Lobo: “Cada um teve uma época muito particular, nomeadamente em função do país em que viveu. Viver na Holanda [como Cruyff] é diferente de crescer num país em ditadura, como Portugal. E as condições de preparação... O Eusébio faz várias operações ao joelho, foi brutal o que ele sofreu fisicamente. E ao mesmo tempo manteve aquele nível”.

António Oliveira completou: “[Os melhores] sempre se superaram a eles próprios. Nunca foram jogadores muito egoístas. Resolviam de forma colectiva, tinham boa condição física e qualidades superiores aos outros. Se, nos tempos actuais, conseguissem a mesma coisa que fizeram nas suas épocas continuavam a ser os melhores do mundo”, resumiu. Um estatuto ao alcance de poucos, tão marcantes dentro de campo como fora dele.

PUBLICIDADE

Tem negócios com Angola?



Para que os seus negócios prosperem, nós instalamos-lhe em Portugal linhas telefónicas de Angola, para atender e fazer chamadas como se estivesse lá.

Aumente a presença, prestígio e melhore a imagem da sua empresa, sem custos com pessoal ou instalações locais.

Todas as chamadas são gratuitas para as redes fixas ou móveis de todo o mundo.

Instalamos na sua empresa linhas telefónicas de Angola, Brasil, Europa, E.U.A., Canadá, Japão, Hong Kong, Austrália, Nova Zelândia, México, Argentina... e de mais de 200 países no mundo, incluindo cerca de 60.000 cidades que representam mais de 99,8% do PIB mundial.

Faça os seus negócios crescerem, com centros de atendimento comercial, técnico ou administrativo junto dos seus clientes, sem custos com pessoal ou instalações locais.

Estamos em todo o país, informe-se já:

A BELTRÔNICA
DIVISÃO DE SISTEMAS TELEFÓNICOS DIGITAIS

AVEIRO • BEJA • BRAGA • BRAGANÇA • COIMBRA • Évora • FUNCHAL
FUNDÃO • GUARDA • LEIRIA • LISBOA • LOULÉ • P. DELGADA • PORTALEGRE
PORTO • SANTARÉM • SETÚBAL • V. CASTELO • VILA REAL • VISEU

Serviço Nacional de Atendimento
308 802 470
Número Nacional/Chamada Local

EUSÉBIO (1942-2014)

Eusébio, a “África portuguesa” e Coubertin

Os processos de colonização aceleraram múltiplos fluxos migratórios. Intramuros, Eusébio, em 1961, foi o primeiro grande caso. Tornou-se comum: o futebolista africano, com aptidões quase inatas, servia de “montra”, atraindo clubes europeus

Alexandre Miguel Mestre

O processo começou nos anos de 1930, com a França, país pioneiro na integração nas suas melhores equipas, e mesmo na sua selecção nacional, de futebolistas provindos das suas colónias. Por seu turno, a Bélgica, na década de 1940, em razão dos seus laços com o Congo, apostou estrategicamente no futebol, na lógica de que colonizar implicava “civilizar” e de que o desporto seria uma ferramenta ideal para o efeito.

Tornou-se comum: o futebolista africano, com aptidões quase inatas para a modalidade, era identificado e servia de “montra”, atraindo clubes europeus. Foi o caso, por exemplo, do Sporting, que no início da década de 1950 apresentou uma proposta ao congolês Mokuna, o qual, à luz dos regulamentos da época, não auferia qualquer remuneração nem era protegido por qualquer seguro. “Regulamentos muito contrários à nossa sorte, talvez por sermos negros”, lê-se numa carta que consta dos arquivos da FIFA.

Portugal não fugiu à regra: o império colonial disseminou o desporto - através de militares, missionários e colonos - e “descobriu” talentosos futebolistas que rumaram à metrópole.

Os diferentes processos de colonização aceleraram, pois, múltiplos fluxos migratórios. Intramuros, Eusébio, em 1961, foi o primeiro grande caso, com a particularidade de logo motivar uma longa “batalha jurídica”, também aqui o tornando intemporal. Os relatos da época aproximam-nos de realidades típicas do desporto globalizado e mercantilizado de hoje, sobretudo no pós-Acórdão Bosman: olheiros; disputa de um jogador entre rivais; uma mãe, representante legal de um

futebolista menor, a intervir; alegados raptos; “janelas” para inscrever jogadores; representantes de clubes; o (muito) dinheiro e o “certificado internacional” necessários para a “libertação” do jogador; recursos; negociações; circulação e transferência de jogadores.

A “intemporalidade” de Eusébio deriva ainda de o “Pantera Negra” ter estado ligado a uma realidade que ainda hoje teima em ser actual: a tendência de alguns Estados se ingerirem no mundo (nas organizações) do futebol. Com efeito, ainda que a doutrina não seja unânime, muitos imputam a Salazar uma intervenção que terá inviabilizado a contratação

Eusébio abriu portas a outros, sendo um paradigma de emancipação de grandes futebolistas das províncias ultramarinas, que triunfaram em Portugal

milionária de Eusébio por, pelo menos, um clube italiano.

Enquanto Portugal caminhava para os seus “três D” (Democratizar, Descolonizar, Desenvolver) gradualmente, pelo mundo fora, foi-se verificando a “descolonização do futebol” (P. Dietschy, 2006), no sentido de uma nova cartografia do futebol, patente no facto de a independência dos “jovens Estados” - emergente da descolonização propriamente dita - motivar uma quase simultânea filiação na FIFA.

Paulatinamente, os países afri-

canos foram apostando no futebol como vector de união, coesão e identidade nacional e em 1966, precisamente no ano em que Eusébio brilhou no Mundial, foi criado o Conselho Superior dos Desportos Africanos, que dez anos depois se tornou num órgão técnico da Organização da Unidade Africana. Progressivamente a geopolítica do futebol foi, então, assumindo novos contornos.

Durante este processo, Eusébio, pela sua grandeza e pelo seu exemplo, abriu portas a muitos outros atletas lusófonos, sendo um paradigma gritante de emancipação de grandes futebolistas naturais das províncias ultramarinas, que foram triunfando em Portugal, de forma afirmativa e descomplexada, numa hermandade racial que ainda hoje perdura - impossível aqui não reter o que Simões lembrou ontem: para Eusébio, ele era o seu “irmão branco”.

Esse fluxo de futebolistas teve méritos que ainda hoje extravasam largamente a componente desportiva, mas que nela se fundam. Pense-se, por exemplo, nos “Jogos Desportivos da CPLP” ou nos “Jogos da Lusofonia” e a união que aí se gera. A união que leva a que se diga, sem questionar, que Eusébio é simultaneamente “embaixador” de Portugal e de Moçambique, ou que explica um cartaz ontem mostrado no Estádio da Luz: “Cabo Verde chora a morte do Rei Eusébio”.

Assim se materializou na CPLP, através do futebol, e tendo Eusébio como figura de proa, aquilo que Pierre de Coubertin, fundador dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, idealizara para África no seu todo, designadamente a “África Portuguesa” - a expressão é do próprio Barão francês -, razão pela qual, como Coubertin sublinha nos seus escritos, foi chamado a colaborar o conde de Penha de Garcia, então Presidente do Comité Olímpico de Portugal.

Em 1923, à margem de uma sessão do Comité Olímpico Internacional, na presença de representantes de ministérios e delegados de países envolvidos em processos de administração colonial, Coubertin propôs a “Medalha Africana” e os “Jogos Africanos”. Mobilizava-o a “conquista de África” para a prática do desporto e a “transposição do plano muscular para o plano moral”, como base de pedagogia desportiva. A medalha seria atribuída a quem estimulasse os “exercícios desportivos”, entre colonos e indígenas, sob um lema gravado a latim: *Athletae proprium est se ipsum noscere, ducere et vincere* (O dever e a essência do atleta é conhecer-se, guiar-se e vencer-se a si mesmo). Por seu turno, os Jogos seriam um evento para obstar a uma outra preocupação do barão: a “luta do espírito colonial contra a tendência a emancipar o indígena, tendência cheia de perigos frente aos Estados maiores da metrópole”.

Ora, como vimos, ao futebol e a Eusébio, que seguiu o referido lema da medalha, devemos também a não ocorrência, entre nós, de tais perigos, algo sem preço.

É curioso constatar esta ligação, porventura improvável à primeira vista, entre Eusébio, a “África Portuguesa” e Coubertin. Mas pensando bem, como dizia ontem Toni, “Eusébio era uma estátua grega”. E, acrescenta-se, personificava a pureza do atleta grego dos Jogos Olímpicos da Antiguidade: trabalhador, humilde, honesto, desportivamente genial, com gestos éticos e estéticos singulares, um reconhecimento planetário e uma glória imortal! Uma lenda. Um mito.

Alexandre Miguel Mestre escreve a convite do PÚBLICO. Advogado; docente; ex-secretário de Estado do Desporto



Em 1975, Eusébio “ficou c

Mário Coluna, antigo capitão do Benfica, a quem a mãe de Eusébio pediu para tomar conta do filho em Lisboa, no início dos anos 1960, explicou a decisão de o futebolista ficar em Portugal, depois da independência de Moçambique, em 1975, com o facto de se “sentir bem”.

“Não podia vir cá de qualquer maneira. Eu voltei porque já tinha contrato para treinar o Textáfrica e o Benfica havia-me proposto para tratar das escolas de jogadores. Portanto, ele ficou em Portugal porque se sentia bem”, disse, na edição desta segunda-feira do diário oficioso *Notícias*, de Maputo, o de maior circulação em Moçambique.

A morte de Eusébio causou surpresa e choque em Moçambique, como constatou no domingo a agência Lusa, no bairro de Maputo onde Eusébio nasceu, a Mafalala. A terra de onde partiu cedo, e a que só por curtos períodos voltou, também recorda o “Pantera



Muitos jogadores africanos talentosos como Coluna (na foto) rumaram para a metrópole

O mito incorrompível

Opinião
Maria João Avillez

Usava o instinto da pantera mas tinha a delicadeza da gazela. Era um homem bom e de repente não vejo bem o que dizer. Não por medo de ser banal – há mais pungentemente banal que a morte? – mas pela dificuldade face à partida de alguém que, coisa tão, tão improvável numa vida, só me deu alegrias. E o que se diz de alguém capaz de tal proeza?

Incontáveis, esfuziantes, fulgurantes, delirantes, disparadas alegrias. Tantas vezes, centenas de vezes, milhares de vezes. Alegrias com uma bola mas, bem vistas as coisas, só pode perceber isto quem – como ele, como eu – gosta de bola quase sobre todas as coisas. A sua história confunde-se com a minha história no Benfica que vai longa, tinha 13 anos quando deixei a família em suspenso ao afirmar a minha novíssima identidade encarnada – no Campo Grande não se era do Benfica.

Eusébio tocou-me desde o seu primeiro momento diante de nós todos. Não era só a ferocidade do génio, o golpe de asa do sobredotado, a pantera. Não era só o deus que rematava e era golo, o felino que marcava de qualquer ângulo e a bola entrava. Não era só o ter sido universal antes de se ser “global”. Não: era por ser ele. Eusébio como ele era. Eusébio da Silva Ferreira. Homem afável e amável, determinado pela circunstância da sua inteira e intacta até ontem, simplicidade. A mesma de quando ele aterrou em Lisboa, vindo do mais belo lugar do desaparecido Império e começou a tocar na bola como nunca víramos. Mas não é senão essa circunstância que fez a sua espantosa diferença: o dono do génio não era contaminável pela poção tóxica da glória mesmo que quase só tivesse havido glórias. O mito não era corrompível, mesmo quando mundialmente mitificado. E porque era simples, acreditava. Até ontem.

E depois era um sentimental e eu gostava disso: Eusébio chorava nos momentos “impossíveis”, os

de estado de graça e os de estado do demónio. Chorava dentro e fora das quatro linhas. Não é qualquer um que tem a simplicidade de expor a raiva ou o supremo júbilo. Vivi com ele dois momentos antagónicos desses, sombra e luz: uma derrota em Bruxelas numa Taça Europeia, há já muitos anos, onde viajei a convite do Benfica e conheci melhor a pantera mas foi um momento sombrio, duas almas penadas chorando sobre o leite derramado. A alegria foi a maior que me lembro num estádio de futebol quando frente à Inglaterra, Ricardo defendeu um penalti, e Eusébio chorou, agarrado a uma toalha e eu chorei, a dois metros de distância de Victoria Beckham que em má hora tinha vindo a Lisboa ver jogar o marido. (Emoldurei o bilhete desse desafio por achar que humanamente não poderia haver emoção que superasse o que ali se viveu nem o instante improvabilíssimo e por isso absolutamente milagroso da defesa desse penalti, estado de graça é isso.)

Eusébio fez por Portugal o que é difícil conceber e ainda mais contabilizar: levou-o ao mundo, a vários e longínquos mundos, uniu o sempre desunido mosaico da lusofonia, representou todos e cada um de nós, tornou indestrutível o elo que ligava o seu nome ao do país.

Genialmente. Dignamente. Simplesmente. Patrioticamente. Sei eu e não sou adepta do Fado/Futebol/Fátima como explicação de um destino. Não haverá outro como ele, também sei, mesmo se houve Figos e há Ronaldos mas ele há “animas” e “animas”.

Há bocadinho abri o portão cá de casa e fui sozinha – é sozinho que se fazem estas coisas – para rua, com o meu cachecol do Sport Lisboa e Benfica e deixei-me estar na berma do passeio até Eusébio passar, era o que deveria fazer neste momento. Identificar a minha pertença ao nosso clube e agradecer-lhe.

De manhã cedo, na outra casa do Oeste onde estava, tinha apanhado umas camélias, também não me ocorreu melhor que a minha flor preferida na hora da despedida. Já estão numa jarra.

em Portugal porque se sentia bem”, diz Mário Coluna

Negra” na hora da despedida.

“Foi um grande choque. Ele é um exemplo para o nosso bairro. A figura dele ainda está muito presente na Mafalala”, disse à Lusa Arnaldo Joaquim, um morador que assistia ao desafio de domingo entre a equipa da casa, a Gudeza, e o Maidina. “Só o conhecimento da televisão, revistas e jornais, mas sei que ele foi uma figura muito importante no futebol mundial. Hoje, temos que ganhar pela Mafalala e pelo Eusébio”, declarou Chalec Cac, de 19 anos, sentado no banco de suplentes da equipa da Mafalala - bairro onde viveu Eusébio, mas também Samora Machel, o primeiro Presidente de Moçambique, ou o poeta José Craveirinha.

A imprensa local destacou a notícia da morte do futebolista nas primeiras páginas e o seu triunfal percurso desportivo. O *Notícias* prolongou o noticiário

nas páginas de desporto. O diário *O País*, de Maputo, dedicou parte da capa e duas páginas do interior a Eusébio, que refere como “lusomocambiano”. Recorda que numa entrevista, há dois anos, ao canal STV, Eusébio disse que o seu maior desejo era, ao morrer, ser acompanhado pelas bandeiras de Moçambique, Portugal e do Benfica.

O Presidente da República, Armando Guebuza (foto), manifestou, numa nota oficial, “profunda mágoa e consternação”. Eusébio, disse, é “fonte de inspiração e de alegria para milhões de moçambicanos e de cidadãos do resto do mundo”, é alguém que “projectou o nome desta Pátria de Heróis à escala planetária”.

Armando Guebuza não esqueceu a origem de Eusébio. “Com os seus pés

nus, construiu, a partir da nacionalista, desportiva, poética, artística e multifacetada Mafalala, uma carreira que viria a torná-lo uma referência incontornável na rica geração dos futebolistas moçambicanos e de outras partes do globo do seu tempo.”

Numa primeira reacção, divulgada pela RTP, o chefe de Estado tinha-se referido a Eusébio como uma “figura que transporta a história profunda e rica de Moçambique”. “Vinha cá de vez em quando e trabalhava connosco. Manteve sempre a ligação com Moçambique, é uma figura muito conhecida e respeitada aqui no país.”

Daviz Simango, líder do Movimento Democrático de Moçambique (MDM), força emergente da oposição, afirmou, citado pela Lusa, que Eusébio “uniu portugueses e moçambicanos” através da “alegria” do futebol, e que o seu exemplo deve ser usado para impulsionar o desporto no país.

João Manuel Rocha



EUSÉBIO (1942-2014)

O lugar de Eusébio no Estado Novo

O discurso do Estado Novo sobre o negro mudou nos anos 60 e Eusébio ajustava-se bem a esta imagem, a de um sujeito colonial assimilado à sociedade portuguesa

Nuno Domingos

No Portugal dos anos 60, abundavam as imagens de Eusébio da Silva Ferreira. Ele aí estava, espalhado por jornais e revistas, mas também em programas e serviços noticiosos da Radiotelevisão Portuguesa. Atleta do Benfica e da selecção nacional, sempre na sua função de jogador de futebol, era aclamado pelo seu inegável talento. No Portugal metropolitano de então, onde rareavam ainda os naturais de África, nunca um negro merecera tanto destaque e fora objecto de tamanha glória. Uma representação destas distinguia-se da imagem do africano, que proliferara na cultura popular. Como demonstrou Isabel Castro Henriques (*A Herança Africana em Portugal*, ed. CTT), o negro era quase sempre ridicularizado com evidente crueldade, em livros, imagens, jornais, bandas desenhadas, campanhas publicitárias e anedotas. A construção de um outro tipo de africano, fundada numa distância que permitia as maiores efabulações, só tomou um sentido mais concreto durante a guerra colonial, onde o africano era o inimigo, o “turra”.

Desde os seus primórdios, o Estado Novo contribuiu decisivamente para a disseminação de um racismo generalizado, garantindo-lhe até um carácter científico. Em exposições e congressos, nos trabalhos de diversas ciências coloniais, e em muitas publicações oficiais, expunha-se um outro africano culturalmente diferente, que fazia parte integrante do império português, mas que era colocado à parte, como se se tratasse de um todo racial e cultural discrepante. O império afirmara o atraso civilizacional das popula-

ções africanas, legitimando assim uma conquista colonial anunciada como uma missão de desenvolvimento destas regiões e dos seus povos. Justificou-se, desta forma, que Portugal atribuisse uma cidadania específica à maioria dos povos que governava, enquadrada pelo chamado sistema de indigenato, que cessou em 1961, precisamente no ano em que Eusébio começou a jogar no Benfica, depois de chegar a Portugal em Dezembro de 1960.

É evidente que as retóricas integracionistas do Estado Novo na década de 60 obrigavam a outras representações do africano, nomeadamente a de um sujeito colonial assimilado à sociedade portuguesa. Eusébio ajustava-se bem a esta imagem. A sua autobiografia, publicada em 1966 em Portugal e redigida por Fernando G. Garcia a partir de um conjunto de entrevistas (traduzida em inglês no ano seguinte), conta a história de um “bom rapaz”, narrativa mestra e memória oficial a partir daí repetida em jornais, biografias e bandas desenhadas.

A “verdadeira” história de Eusébio apresenta um conjunto de etapas, do Bairro da Mafalala na Lourenço Marques colonial, onde vivia com a mãe Elisa num contexto de pobreza honrada, os jogos de bairro e a equipa dos “brasileiros”, as idas à escola, o deslumbramento com o centro da cidade colonial, que pouco conhecia, a entrada no futebol local, a transferência atribulada para o Benfica e os diversos passos da brilhante carreira profissional.

Nesta história, a lista impressionante de feitos desportivos é intervalada pelo relato do casamento com Flora e pela incorporação de Eusébio, em 1963, no Exército português, profusamente fotografada e utilizada como propaganda. A incorporação militar, o casamento e

a vida familiar contribuíam para a construção quase perfeita da biografia de um indivíduo assimilado, preocupado com o trabalho e com a família e plenamente integrado no Portugal de Salazar, um jovem de origens desfavorecidas que, apesar da sua notoriedade, continuava a perceber o seu lugar social.

A apropriação oficial da imagem de Eusébio não anulava os efeitos produzidos pelo facto de um negro se ter tornado uma figura dominante da cultura popular portuguesa. Eusébio entrou, tal como a fadista Amália, num universo de glorificação cultural até aí constituído por indivíduos com origens e percursos muito distintos, consagrados em actividades oficialmente legitimadas e de onde o futebol e o fado se encontravam afastados.

Apesar do reconhecimento do seu mérito, a apreciação entusiástica que mereceu não resultava de uma inusitada consciência de igualdade racial, tão-pouco poderia servir de prova de que a sociedade portuguesa estava preparada, devido a uma característica cultural adquirida, a aceitar a diferença. A relevância de Eusébio dependia do seu valor enquanto elemento de uma economia particular, no contexto de uma troca muito específica, proporcionada pelo processo de profissionalização do futebol. O jogador moçambicano oferecia quase todas as semanas capitais preciosos à representação nacional mas sobretudo clubista, a uma específica cidadania exercida diariamente por muitos indivíduos, quase todos homens, durante incontáveis encontros, conversas e imensas retóricas, nos quais se manifestava uma identificação, uma forma de apresentação na vida de todos os dias. Os que no campo representavam com o seu génio desportivo esta pertença (ser



No Portugal metropolitano de então, onde rareavam ainda os naturais de África, nunca um negro merecera tanto destaque e fora objecto de tamanha glória

do Benfica, do Sporting, do Porto, ou da selecção) mereciam quase todas as recompensas, independentemente da sua origem ou da cor da sua pele. O valor de Eusébio nesta economia particular dependia da manutenção de um nível performático constante, de um ritmo laboral intenso, com consequências físicas conhecidas, como asseveraram as inúmeras cirurgias ao seu martirizado joelho.

As exhibições no Mundial de 1966 ampliaram a reputação de Eusébio,

oferecendo-lhe uma dimensão global. Este enorme atleta, personagem principal de uma cultura de consumo em expansão que gerava novas identificações, juntou-se à memória visual colectiva de uma geração, ao lado de outros ícones da cultura popular dos anos 60. Em Inglaterra, país que na altura já abdicara da grande parte das suas colónias, governada em 1966 por um governo trabalhista, os negros eram uma enorme raridade nos campeonatos desportivos e nenhum chegara à selecção nacional.

O efeito do poder mediático de vedetas populares como Eusébio foi alvo de escrutínio, as suas posições interpretadas, os resultados políticos dos seus actos avaliados. Se o Estado Novo sempre desconfiara da espectacularização do desporto assente no movimento associativo, veio depois a perceber que esta lhe podia ser útil. Para as oposições ao regime, menos preocupadas em reconhecer o efeito propriamente político da invulgar notoriedade social de um negro em Portugal, importava denunciar a utilização de Eusébio na defesa da “situação”, enquanto elemento da narcotização do povo – ao lado do fado, do



As exposições no Mundial de 1966 ampliaram a reputação de Eusébio, oferecendo-lhe uma dimensão global

o efeito simbólico da notabilidade de um jogador negro, é também certo que na década de 60 a sua glória serviu a defesa de uma excepcionalidade colonial. Foi esta que serviu de justificação à soberania sobre os territórios africanos e a sua história, contada e recontada até aos nossos dias, contribuiu para lançar um manto sobre o passado, ajudando a reproduzir mitos sobre a tolerância racial dos portugueses.

Um ano antes do Mundial de 1966, o embaixador português Franco Nogueira, numa conferência na embaixada portuguesa em Londres (em Maio de 1965), falou sobre os princípios orientadores da política portuguesa em África: “O nosso primeiro princípio orientador é a igualdade racial – uma pequena noção que trouxemos para África há mais ou menos 500 anos”. Portugal orgulhava-se do seu império se constituir como um “espaço multirracial”, uma “democracia racial real” onde todos “trabalham harmoniosamente para os mesmos fins”.

Falso e mitificador, o olhar de Franco Nogueira, ao incluir o império dentro da sociedade portuguesa, acabava por realçar o facto de que o mundo governado pelos portugueses na década de 60 era maioritariamente negro e africano, realidade por vezes esquecida nas análises historiográficas sobre Portugal. E qual era o lugar que a gestão colonial portuguesa atribuía a esta grande maioria da população? Segundo a história mediatizada da vida de Eusébio existia em Moçambique um contexto de igualdade de oportunidades e uma ausência de preconceito racial, bem ilustrados por um percurso de mobilidade social, desde o Bairro da Mafalala até à metrópole e aos grandes estádios europeus.

Poderá um caso excepcional ilustrar a excepcionalidade de um regime colonial? É que o lugar da população africana, na grande sociedade portuguesa de 60, era bem diferente do representado pelo caso de Eusébio. A sua integração estava longe de estabelecer qualquer padrão que pudesse explicar os 500 anos de colonialismo de que falava Franco Nogueira.

Mais fiável parecia ser a história da cidade onde o jogador moçambicano cresceu. Desde a sua fase moderna, iniciada no final do século XIX e projectada pela industrialização da África do Sul, que Lourenço Marques se dividira entre um centro colono, predominantemente branco, e um subúrbio precário, predomina-

mente negro. Pela força, afastaram-se as populações locais para a periferia. Separada fisicamente, a mão-de-obra africana que se acumulava nos subúrbios, essencial para o funcionamento do sistema colonial, foi enquadrada por leis e normas. Estas regulavam uma discriminação racial, a qual era evidente não apenas na lógica do indigenato, mas que se traduzia no quotidiano, nos espaços públicos, nas escolas, nos transportes e nos locais de trabalho, onde sofreram durante muito tempo o flagelo do trabalho forçado. O historiador Valdemir Zamparoni explicou bem este mesmo processo, na sua tese sobre a capital de Moçambique.

Já depois do fim do indigenato persistia o que, num artigo publicado em 1963 no jornal *A Tribuna*, o arquiteto Pancho Guedes chamava de “cinto do caniço” que separava o centro urbano da “cidade dos pobres, dos serventes e dos criados”, isto é a cidade dos africanos. Lourenço Marques carecia então, segundo o arquiteto, de “uma genuína integração social – ou serão os “pretos” só para estar nas cozinhas e nas recepções?”

Os habitantes dos bairros periféricos da cidade, onde nasceu Eusébio em 1942, trabalhavam nas indústrias locais, nos portos e nos caminhos-de-ferro, nos serviços domésticos, em actividades ditas informais, dependendo de pequenas lavras, ou faziam parte da forte emigração para o país vizinho, controlada e taxada pelo estado colonial. Esta estrutura laboral era fortemente racializada, pertencia a um sistema onde a cor da pele mostrava os contornos da organização social. Na grande sociedade portuguesa de 60, o lugar dessa maioria africana, mesmo depois do fim do indigenato, continuava a revelar a herança de um colonialismo predador e racista, não muito diferente dos outros colonialismos nos seus propósitos e objectivos, nos meios e nas estratégias, e absolutamente nada excepcional.

Explicada pela conjugação única entre a profissionalização do futebol e a procura de talentos, a força da cultura popular mediática e um regime que necessitava de defender por todas as formas o mito do pluriracialismo lusófono, a carreira extraordinária de Eusébio não belisca a imagem pérfida do sistema colonial português. Tão-pouco deve servir de modelo para descrever, hoje, as relações raciais em Portugal.

Investigador do ICS-UL

Um homem grande

Opinião
Emídio Rangel

Cedo ainda, Eusébio partiu. Deixou-nos a todos com um terrível sentimento de perda, difícil de superar. Ele era o rei, e por enquanto, não tem quem lhe suceda. É a dureza dinástica de quem não nasceu rei, antes se fez a seu mérito e a muito custo depois de vencer tudo o que havia para ganhar.

As ruas de Lisboa, peçadas de milhares de pessoas, para um último adeus, mostraram-no com palavras simples e imagens cruas. E mostraram mais. Eusébio já não era um representante de uma cor clubista. Ele ultrapassou essa rivalidade e transformou-se num ícone dos portugueses, mas também dos africanos, dos europeus, dos outros. Quem viu ontem o início do jogo entre o Real de Madrid e Celta de Vigo compreendeu que aquele minuto de silêncio por Eusébio carregava tanto respeito pelo homem e pelo desportista que arrancava lágrimas aos rostos mais severos.

Essa dualidade homem/desportista fez de Eusébio um homem grande. Os homens grandes são como Eusébio, homens simples, bons, homens que nunca se esqueceram de chorar. São desportistas invulgares, criaram um estilo e executaram-no com brio. O mundo não o esquece. Um golo à Eusébio era um golo com assinatura, mas com nobreza e com *fair play*. Sem desmandos nem humilhações. O homem em cujo peito morava um coração africano conhecia todas estas regras e por isso se tornou o Rei que o povo adora.

Em África, na hora da morte, espera-se, deseja-se a chuva. A água que cai dos céus revitaliza a terra e reduz a tragédia da fome que espreita em cada canto. Eusébio não deixou os seus créditos por mãos alheias: chovia a cântaros quando foi a enterrar.

chamado nacional-cançonetismo e de Fátima – e especificamente da propaganda imperial, fundada na mitologia do pluri-racialismo, num período em que Portugal lutava pelos seus territórios numa guerra travada em três frentes.

É interessante verificar que nas últimas décadas Eusébio veio a tornar-se objecto de interesse para os estudiosos do continente africano, entendido como um pioneiro do futebol em África, um exemplo de talento extraordinário e, simultaneamente, ao lado de outros grandes nomes negros da história do desporto internacional, nomeadamente norte-americanos, desde Joe Louis a Jesse Owens, alguém que vingara num mundo fortemente discriminatório. O desejo de alguns académicos e jornalistas estrangeiros em encontrar no discurso de Eusébio posições emancipadoras e politizadas esbarrou quase sempre em respostas evasivas e no habitual refúgio no mundo do futebol. Na verdade, o universo que ele, desde pequeno nos espaços livres da Mafalala, aprendera a dominar. Para aquele que foi considerado, depois do Mundial de 1966, como “o melhor da Europa”, e de quem

A carreira extraordinária de Eusébio não belisca a imagem pérfida do sistema colonial português. Tão-pouco deve servir de modelo para descrever, hoje, as relações raciais em Portugal

se falava estar a disputar com Pelé o título de “rei do futebol mundial”, África e a política africana estavam muito longe.

De regresso a África

O Estado Novo tratou de voltar a lembrar que Eusébio era africano, parte de um Portugal enorme que se prolongava para sul. Se é evidente que o impacto de Eusébio na sociedade portuguesa não pode ser avaliado apenas à luz de uma história política, sendo essencial investigar